

TEMA 2025



JESUS

Cristo

NOSSO FUNDAMENTO



80 anos

Literatura Cristã Evangélica

Todos os direitos nacionais e internacionais reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Literatura Cristã Evangélica, salvo em breves citações.

Editora pertencente à Aliança das Igrejas
Cristãs Evangélicas do Brasil - AICEB



Estrada de Ribamar, Km 2, nº 220
Planalto Aurora / 65060 – 541
São Luís – MA
CNPJ: 39.814.161/0001-54
literaturacristaevangelica@gmail.com

BANCO DO BRASIL
Agência: 3650-1
Conta corrente: 61211-1
AICEB - Literatura Cristã Evangélica



Diretor-geral

Mário Rubens Neves Ribeiro Júnior

Editora-chefe

Karina Maia Rego Ribeiro

Gerente financeiro

Adélia Lisboa de Castro

Conselho administrativo

João Rafael de Oliveira Filho
Tomé dos Santos e Anjos
Telesforo Rodrigues Martins Filho
Denio Oliveira da Fonseca
Antonio Marcos Barros Cruz
Jéssica Sarrazin de França
Meriellie Barros Brandão Oliveira

Autores

Pr. Fábio de Oliveira Costa
Pr. Frankylande Mendes Sobral
Pr. Lucas de Souza Santos
Pr. Melquesede Martins de Alcântara
Pr. Ronnie James da Silva Sousa
Pr. Robson Andrade Carvalho
Pr. Samuel Marques Campos
Ed. Tássia Gonçalves Pinheiro Gomes

Revisora

Antonia de Fátima Fuini

Capa

Tássia Gonçalves Pinheiro

Diagramação

Marinéia Dominice

Concept Art

Marcus Nati (Brother Bíblia)

PALAVRA DO PRESIDENTE

Saudamos a toda AICEB com a paz de Cristo.

Pela graça de Deus, a Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Brasil em 2025 completa 80 anos como instituição legalmente constituída, porém nossa história tem origem no ano de 1893.

Durantes todas essas décadas a AICEB se destacou por seus compromissos missionários, bíblicos e cristológicos. Há registros em livros, revistas, documentos e em nossos colocações do trabalho abnegado que homens e mulheres de Deus realizaram para proclamar o Evangelho de Cristo até mesmo nos lugares mais difíceis de serem alcançados.

Esses servos e servas do Senhor levavam apenas uma mensagem. A única suficiente e poderosa para salvar: A mensagem é o Senhor e Salvador Jesus Cristo. E eles estavam certos, pois segundo o evangelho de João 17.3, a vida eterna é conhecer o Senhor Jesus. Ainda de acordo com o mesmo evangelho (João 14.6), o próprio Senhor Jesus afirmou que Ele é o único caminho entre Deus e os homens.

Amados, herdamos essa preciosa herança a qual é o compromisso de pregar uma mensagem puramente cristo-cêntrica. A nossa denominação nasceu, cresceu e deve continuar crescendo fundamentada somente em Jesus Cristo. É nessa perspectiva que o tema da AICEB no ano de 2025 será "Jesus Cristo, nosso fundamento." (1ª Coríntios 3.11).

Toda a nossa denominação receberá o **2º Caderno Temático de 2025**. O material será baseado no Evangelho de Marcos. O objetivo é estudar sobre a pessoa, as obras e os ensinamentos do Senhor Jesus através desse precioso evangelho. Serão quatro cadernos temáticos com estudos, artigos e textos para cada trimestre.

Nosso desejo e oração é que o nosso Bondoso Deus continue conduzindo a AICEB fundamentada somente em Jesus Cristo.



Pr. Polary da Silva e Silva
Presidente Nacional da AICEB



*Porque ninguém
pode pôr outro
fundamento além
do que já está
posto, o qual é Jesus
Cristo.*

1ª Coríntios 3:10

OPÇÕES PARA USO DO CADERNO

EXPOSIÇÃO E ENSINO

- Na reunião de estudo bíblico;
- Na abertura da Escola Bíblica Dominical
- Na reunião dos grupos familiares (Grupos Pequenos, grupos Aliança, etc)

NO ENSINO DAS CRIANÇAS

- O caderno conta com ilustrações de cenas contidas nas passagens. Elas servirão como material de apoio visual para professores no ensino dos alunos.
- Pais também podem fazer uso das ilustrações em seus cultos domésticos, maximizando assim o ensino bíblico do evangelho.

NA EVANGELIZAÇÃO E NO DISCIPULADO

- Em grupo ou individualmente, usar os estudos com as perguntas no final de cada estudo para evangelizar pessoas que ainda não confessaram a Jesus como Seu Senhor e Salvador.
- Em grupo ou individualmente, instruir aqueles que vão professando a sua fé em Jesus Cristo.

MATERIAL DE APOIO

LIVROS

- HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento – Marcos. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- LOPES, Hernandes Dias. Marcos: o evangelho dos milagres. São Paulo: Hagnos, 2006.
- POHL, Adolf. Comentário Esperança – Marcos. Curitiba: Esperança, 1998.
- RYLE, J.C. Meditações no Evangelho de Marcos. São José dos Campos, SP: FIEL, 2018.

PÁGINAS NA INTERNET

- https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Marcos_Barclay.pdf
- https://www.monergismo.com/textos/comentarios/estudo_introdutorio_evangelho_marcos_tokashiki.pdf

VÍDEOS

- <https://youtu.be/7d359aPNpPQ?si=4RwVyCIYOJb0ejJ3>
- <https://youtu.be/DhElH0W7A?si=4uoUvYDIVAPN5xCq>

ÍNDICE

- 01** Um coração pecador é um coração longe de Jesus
- 02** Tu és o Cristo (I)
- 03** Tu és o Cristo (II)
- 04** Tu és o Cristo (II)
- 05** Jesus Cristo, a cruz e os discípulos
- 06** Jesus Cristo, a cruz e os discípulos (II)
- 07** Jesus Cristo, a cruz e os discípulos (III)
- 08** Jesus Cristo, a cruz e os discípulos (IV)
- 09** Jesus Cristo, o rei que morrerá
- 10** Jesus Cristo, o rei que julga e liberta
- 11** Jesus Cristo, o rei com autoridade (I)
- 12** Jesus Cristo, o rei com autoridade (II)
- 13** Falsa e verdadeira religião (I)
- 14** Falsa e verdadeira religião (II)
- 15** Falsa e verdadeira religião (III)
- 16** O retorno do Rei e a perseverança dos santos

1

Um coração pecador é um coração longe de Jesus

Pr. Melquesede Martins de Alcântara



INTRODUÇÃO

Os últimos acontecimentos mostram o poder de Jesus sobre a morte, os demônios, as enfermidades, a natureza; entre outras coisas impossíveis para o ser humano entender. Chegando em Genezaré, muitas pessoas vinham ter com ele trazendo os enfermos para que fossem curados. Enciumados com a crescente popularidade de Cristo, os líderes religiosos mais uma vez chegam para se opor ao seu ministério. Marcos narra que esses líderes vieram de Jerusalém, isso quer dizer que a alta cúpula religiosa está presente. Esses líderes demonstravam às pessoas um zelo pela lei de Deus, porém Jesus revela que todo isso não passava de aparência, pois seus corações estavam longe de Deus.

1. Um coração apegado à tradição dos homens (v.1-5).

Marcos inicia essa cena, mostrando que os fariseus e escribas, líderes religiosos vindos de Jerusalém reuniram-se a Jesus. Uma breve explicação desses grupos religiosos nos ajuda entender quem eles eram.

- **Fariseus** - Eram membros de um dos principais grupos religiosos dos judeus. Queriam que todos acreditassem que eram separatistas e que cumpriam os ensinamentos dos escribas.

- **Escribas**, nas palavras de Willian Hendriksen (2014): Eram especialistas na lei. Eles estudavam, interpretavam e ensinavam a lei, isto é, o Antigo Testamento. Mais exatamente, eles transmitiam para a sua própria geração as tradições que, de geração em geração, tinham sido transmitidas com respeito à

interpretação e aplicação da lei, tradições que tiveram sua origem nos ensinamentos dos veneráveis rabinos muito tempo antes.

Esses dois grupos observaram que alguns dos discípulos de Jesus comiam suas refeições com as *mãos impuras*, isto é, sem lavá-las. Aqui não se trata de uma questão de higiene, mas de rituais e cerimônias da tradição dos anciãos, observadas pelos líderes religiosos, incluindo os judeus. Tal tradição era tão rigorosa que, quando voltavam da praça, não comiam sem antes realizar esses rituais. Muitas outras práticas, tais como o lavar de copos, jarros e vasilhas de metais faziam parte desses rituais. Para fariseus e escribas a salvação dependia da prática detalhada da religião e do cumprimento minucioso dessas regras e cerimônias de purificação.

Vemos em todo o evangelho de Marcos que esses líderes se opunham implacavelmente ao ministério de Jesus. Quando viram que os discípulos de Jesus não andavam de acordo com a tradição dos anciãos, não perderam tempo, fizeram a seguinte pergunta: “*Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?*” (v.5). Como opositores de Jesus, podemos perceber que a intenção de seus corações não era encontrar uma resposta satisfatória para aprendizado, mas sim atingir Jesus e seus discípulos, acusando-

os de não se submeterem à tradição dos anciãos.

2. Um coração que desonra a palavra de Deus (v.6-13)

Depois do questionamento dos líderes sobre os discípulos não andarem de acordo com a tradição dos anciãos, Jesus confronta essa liderança chamando-a de hipócritas (fingidos). E usando a autoridade da palavra de Deus, cita Isaías 29.13, dizendo: “*... Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens*” (v.6-7). Jesus estava dizendo que, assim como no passado, a história se repete, pois, os falsos líderes aparentavam uma adoração genuína, um zelo pelas doutrinas divinas. Entretanto, tal demonstração não passava de uma farsa, ensinavam preceitos dos homens, pois, seus corações estavam longe de Deus.

Em seguida Jesus cita Êxodo 20.12: “*Pois Moisés disse: Honra teu pai e tua mãe*” (vs.10a). Porém, em vez de obedecerem à lei, deturpavam os mandamentos de Deus para manter a tradição em benefício próprio. Nos versículos de 11 a 13 Jesus declara como eles faziam isso: “*Vós, porém, dizeis: Se um homem disser ao seu pai ou sua mãe: Aquilo que poderia aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o*

Senhor, então o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai e sua mãe, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição...".

A Corbã naquele contexto era oferta separada para o Senhor. Os falsos líderes, no entanto, usavam para ficar desobrigados de qualquer responsabilidade de amparar seu pai ou sua mãe em suas necessidades. Para ilustrar, imagine que o pai ou a mãe precisasse de ajuda financeira de seu filho, mas se o filho não quisesse ajudar dizia: "sinto muito, mas meu dinheiro foi dedicado todo em oferta ao Senhor". Eram abusos como esses que eles usavam como pretexto para não honrarem seus pais com seus recursos. A lei estabelecia que o filho deveria honrar pai e mãe, entretanto, negligenciavam usando a Corbã, tradição dos líderes da época. Assim, poderiam guardar seu dinheiro ou usar em seus próprios negócios.

Marcos descreve que Jesus condenou essa prática, deixando bem claro que a Corbã, tradição deles, era apenas um exemplo dos muitos abusos que eles praticavam, invalidando assim a palavra de Deus. Esse procedimento mostra que um coração longe de Jesus se preocupa apenas com o exterior, os rituais e regras legalistas, mas está longe de Deus e desonra seus mandamentos.

3. Um coração contaminado por natureza (v.14-23)

Após condenar a hipocrisia dos fariseus e escribas, Jesus convoca de novo a multidão para ouvir algo muito importante. Então, ele faz a seguinte declaração: *"Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é que o contamina. Se alguém tem ouvido para ouvir, ouça"* (vs. 15,16).

Com essa declaração, Jesus está desconstruindo os ensinamentos dos fariseus e escribas, pois, de acordo com suas tradições a contaminação de uma pessoa acontecia de fora para dentro. Porém, o Messias diz que nada entrando no homem pode contaminá-lo, ao contrário, o que sai dele é que o contamina, ou seja, a contaminação não provem de coisas externas como o alimento que Deus criou, mas do interior do homem brotam coisas de um coração pecaminoso.

E entrando em casa, confusos, seus discípulos pedem explicação sobre sua declaração. *"Então, lhes disse: Assim vós também não compreendeis que tudo que de fora entra no homem não pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puro todos os alimentos"* (vs.18,19). Antes de explicar aos seus discípulos, Jesus parece estar dizendo: Os líderes religiosos e a multidão não entenderam, mas e vocês?! Estão comigo no dia a dia e ainda não

compreenderam meu ensino? “E dizia: O que sai do homem, isso é o que contamina” (vs.20). O problema do homem não está em algum alimento que se possa ingerir, os alimentos chegam ao estômago da pessoa, mas não ao coração e, portanto, não podem contaminá-la.

Jesus aponta que os males provêm do coração: “Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, as prostituições, os furtos, os homicídios, os adultérios, as avarezas, a malícia, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem” (v.21-23). Nessa lista de 12 males que brotam do coração, os primeiros seis itens estão no plural, os outros seis estão no singular. Os seis primeiros descrevem ações malignas; os seis últimos descrevem desejos e palavras malignas que estão relacionadas a ações similares. O ensinamento de Jesus aos seus discípulos é que o real problema do homem provém de seu coração e isso não pode ser resolvido por meio da religiosidade e das regras dos homens, mas somente o evangelho da graça de Deus tem o poder de transformar o coração pecaminoso em um coração puro.

CONCLUSÃO

Diante disso, aprendemos que o homem não é contaminado pelas coisas externas como os religiosos ensinam. O problema do homem é interno, vem do coração, pois dele

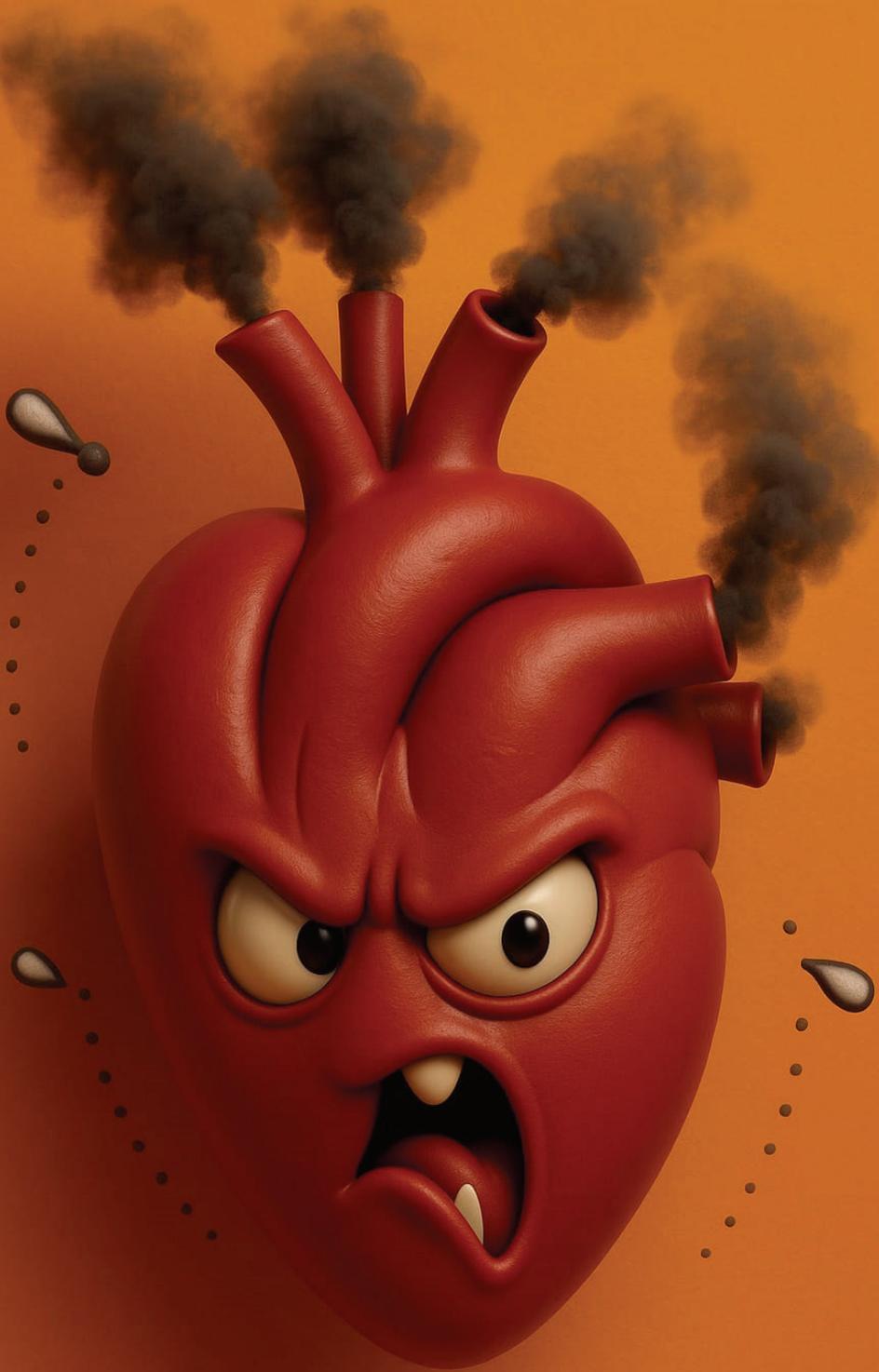
é que brotam os males que contaminam. A tradição dos homens, a religiosidade e regras legalistas não podem solucionar tais problemas. O único que tem a solução para esse mal do homem é o Senhor Jesus Cristo.

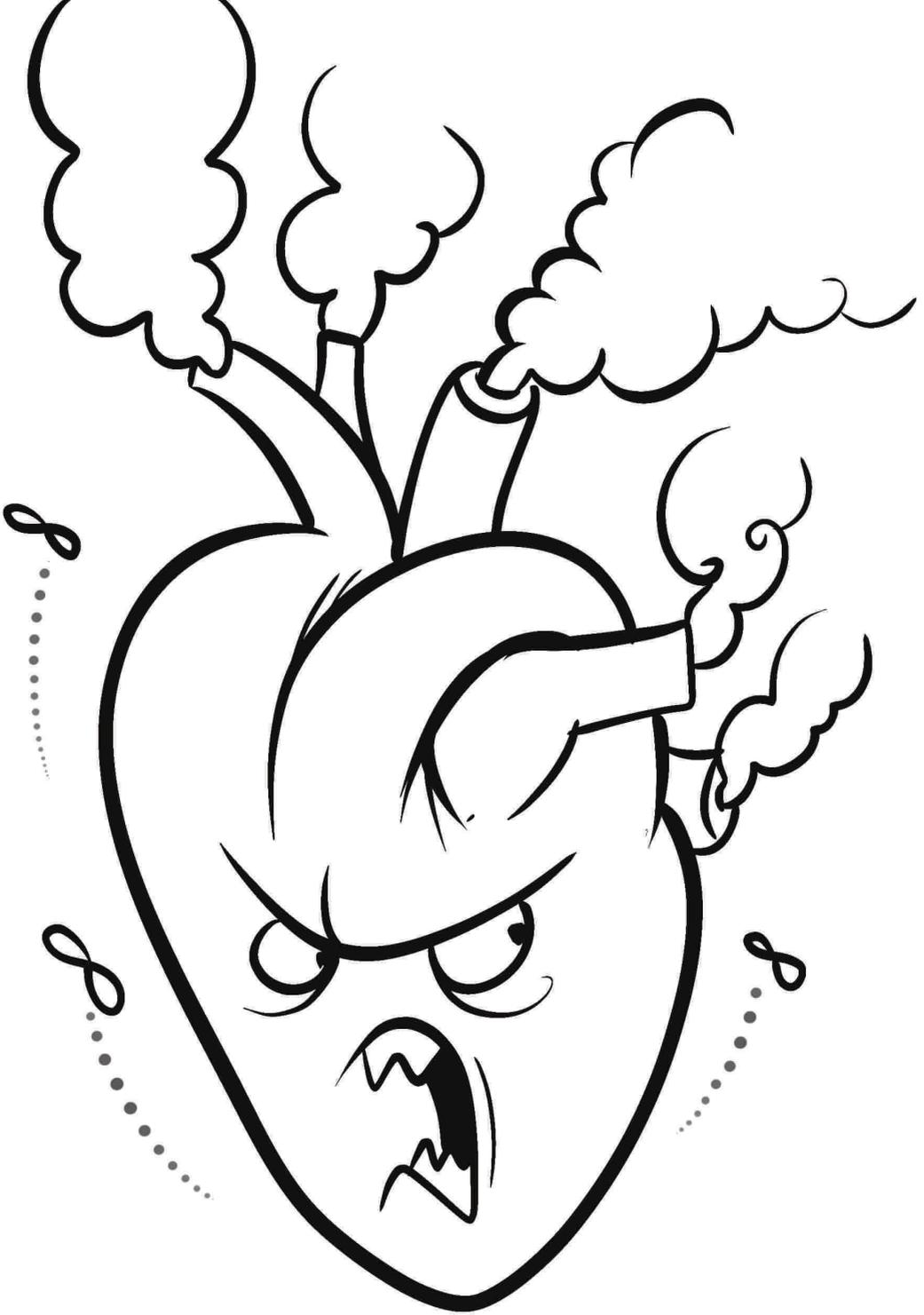
PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

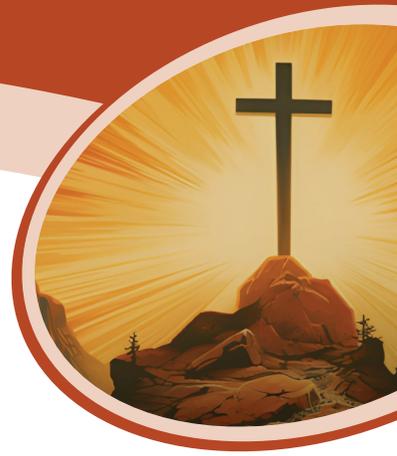
- Qual era o objetivo dos escribas e fariseus ao questionarem Jesus sobre não guardar a tradição dos anciãos?
- Em que o coração pecaminoso se apega?
- Sabemos que a Corbã era uma desculpa que os falsos líderes usavam para não honrar seus pais naquele contexto. Quais desculpas os filhos têm dado aos seus pais para não os honrar?
- Por que os alimentos não pode contaminar o homem?
- Por que a religiosidade não pode resolver o problema do homem? Quem pode resolver o problema do coração pecaminoso?

HENDRIKSEN, William. **Marcos**. 2 ed. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 298, 320 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Marcos**: O evangelho dos milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos Hagnos. São Paulo: Hagnos, 2012. 353 p







Tu és o Cristo (I)

Pr. Ronnie James da Silva Sousa

INTRODUÇÃO

O evangelho de Marcos, dentre outras verdades preciosas, apresenta a pessoa de Jesus como um servo que se doa e se sacrifica em favor dos outros. Cristo se doou ao povo de Israel e demonstrou que estava presente para servi-lo, todavia Israel se mostrou incrédulo e duro de coração.

Todavia, diante de tal a rejeição, Jesus Cristo se mostrou servo e revelou as bênçãos do Reino a outras nações. O nosso texto em questão confirma essa verdade ao colocar suas duas cenas em perspectiva: (1) Jesus cura a filha da mulher siro-fenícia (v.24-30) e (2) Jesus cura um surdo-mudo em Decápolis (v.31-37).

1. Jesus cura a filha da mulher siro-fenícia (v.24-30)

Neste momento, Jesus estava passando pelas terras

de Tiro e Sidom (cf. Mc 7.24), majoritariamente gentias, quando essa mulher grega clama pelo seu socorro. Nos versículos 25 e 26, o texto diz: *“uma mulher, cuja filhinha estava possessa de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés. Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio.”*

A mulher de origem siro-fenícia enfrentava um profundo abismo de sofrimento em sua vida, visto que sua filha estava possessa de um espírito impuro (vs.25). Imagine você o que é ver seu filho sofrendo de algo tão terrível sem que você possa fazer nada para aliviar-lhe a dor ou pôr um fim em seu sofrimento. Assim, podemos dizer que aquela mulher tinha uma dor inimaginável em seu peito. Entretanto, de alguma forma, ela havia ouvido falar de Jesus e creu que ele era a pessoa de que ela e

sua filha precisavam. Inclusive, o texto bíblico relata algumas expressões importantes para isso: *“tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés”* (vs.25), *“rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio”* (vs.26).

Essa mesma narrativa descrita por Mateus conta, ainda, que ela veio de longe clamando *“Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horripeladamente endemoninhada”* (cf. Mt 15.22). Jesus, por sua vez, ficou em silêncio e os discípulos queriam expulsá-la para que ela não chegasse à presença do Mestre (cf. Mt 15.23). Não se sabe exatamente o motivo pelo qual os discípulos queriam impedi-la de falar com Jesus, todavia a razão poderia ser pelo fato de ela ser pagã e os discípulos, que eram judeus, julgaram que ela não merecia ter um encontro com o Senhor.

Então Jesus diz algo bastante enigmático: *“Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”* (vs.27). Pode ser que o nosso olhar contemporâneo compreenda que Jesus ofendeu aquela mulher ou que, no mínimo, havia dado uma resposta muito dura a ela. No entanto, ao analisarmos as palavras de Jesus no contexto, entenderemos que não é exatamente isso.

Os judeus, devido ao seu orgulho e arrogância, costumavam

chamar os gentios de *“cães”* de maneira ofensiva, pelo fato de não estarem incluídos no pacto de Israel. Dessa forma, quando Jesus ilustra, de maneira até parabólica, o filho e o cachorrinho, ele coloca em comparação judeus e gentios diante do plano divino de redenção. Além do mais, segundo Mateus, Jesus havia deixado claro para ela que veio para as ovelhas perdidas da casa de Israel antes mesmo de fazer a comparação entre os filhos e os cachorrinhos (cf. Mt 15.24). Porém, essa frase específica não é retratada por Marcos nesse texto. Na verdade, Jesus deixa claro que, naquele momento específico, o povo de Israel era a prioridade no recebimento das bênçãos do reino.

Todavia, Jesus não a excluiu nem tampouco a ofendeu com suas palavras. Note que, primeiramente, ele não a chamou de *“cão”* [ou cachorro], mas de *“cachorrinho”* e isso faz grande diferença para o contexto, visto que a palavra original usada aqui é diferente e não carrega peso ofensivo e sim é uma referência a cachorros domésticos de estimação. Dessa forma, Jesus indicava que os gentios, embora fora do pacto de Israel não estavam completamente excluídos das bênçãos da aliança, mas tinham seu lugar no plano de redenção. O Senhor sugere essa verdade no versículo 27 quando diz, em outras palavras: *“Primeiramente deixe que os filhos se fartem, depois você terá o*

seu lugar, pois eu não deveria deixar os filhos com fome para alimentar um cachorrinho”.

Após esse momento, quando ela não foi atendida positivamente por Jesus, ela insiste: *“Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças”* (vs.28). O ponto é que sua fé e esperança em Cristo eram tão grandes que, mesmo diante da momentânea negativa e da rejeição dos discípulos, ela continua clamando. Ela entende que não é “filha”, mas que mesmo um “cachorrinho” precisa comer. Com essa perseverança, ela demonstrou maior fé e confiança em Cristo do que a vasta maioria de Israel.

Mediante a fé impressionante e a persistência em seu clamor, o Senhor a socorre e cura a sua filha. A aflição daquela mulher a fez buscar a Jesus. As barreiras que se levantaram diante desse caminho não foram o suficiente para fazê-la parar de clamar. Parece que quanto mais dificuldades se apresentam, mais ela ora e se prostra aos pés do Senhor. Por isso ela foi abençoada.

2. Jesus cura um surdo-mudo em Decápolis (v.31-37)

Em seguida, Jesus saiu das terras de Tiro e Sidom e estava de passagem por Decápolis, região predominantemente gentia, quando lhe trouxeram um surdo-mudo (surdo e gago em algumas tradu-

ções) e lhe pediram para curá-lo. Provavelmente, quando Jesus chegou a Decápolis muitos já haviam escutado acerca dos milagres e do ministério de Cristo, por isso, uma multidão o cercou e lhe trouxe esse homem enfermo (vs.32).

É importante mencionar que Cristo não era obrigado a curar o surdo-mudo, bem como não o era a curar a filha da mulher siro-fenícia. Isto posto, nota-se a compaixão dele por aquele homem, bem como o teve pela mulher e sua filha no texto anterior. O texto diz o seguinte nos versículos 33 e 34: *“Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te.”*

Pela sua misericórdia e graça, Jesus acatou o pedido da multidão, todavia ele não trabalha conforme o homem quer, mas de acordo com o propósito divino. Portanto, a menos que o surdo-mudo pudesse ler lábios, Jesus não conseguiria se comunicar com ele no meio de uma multidão. Então, ele retirou o homem do meio da multidão como uma forma de manter contato mais pessoal e profundo com ele, bem como o de não levantar holofotes para si, e colocou seus dedos no ouvido do homem (vs.33). Provavelmente, essa foi uma atitude para que o enfermo entendesse que algo estava sendo feito para resolver seu problema.

Em seguida, o Senhor faz algo muito estranho aos nossos olhos, mas que faz todo o sentido de acordo com o fluxo da cena dos dedos no ouvido. Jesus *“lhe tocou a língua com saliva”* (vs.33). Ora, visto que aquele homem era surdo-mudo Jesus não poderia lhe dizer “eu te farei voltar a falar e a ouvir” e ser compreendido. Por isso, após colocar os dedos no ouvido, ele provavelmente cospe em seu próprio dedo e lhe toca com saliva na língua, provavelmente, essa é uma forma de comunicar ao enfermo o seguinte: “eu farei algo com relação à sua língua, a sua fala”.

Dessa forma, após um momento profundo ao lado daquele homem, o Senhor olha para o céu e lança a palavra de ordem para que imediatamente seus ouvidos fossem desobstruídos e sua língua fosse solta para que novamente ele pudesse ouvir e falar. Isso mostra que sua palavra é poderosa para curar e transformar.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Como você lida com situações em que parece que Deus não está respondendo às suas orações?*
- *Como você pode cultivar um coração humilde, reconhecendo que tudo o que recebe de Deus é por graça e não por mérito próprio?*
- *De que forma você pode ser um instrumento de transformação na vida dos outros?*
- *Qual é a sua resposta às bênçãos e milagres que Deus tem realizado em sua vida?*







Tu és o Cristo (II)

Pr. Ronnie James da Silva Sousa

INTRODUÇÃO

Nosso Senhor Jesus Cristo, aquele que Marcos apresenta como servo, está em mais uma narrativa onde sua presença e seu ensino reúnem grande multidão. Segundo o próprio evangelista, Cristo estava vindo de duas curas, o que certamente faria com que a fama a seu respeito se espalhasse através dos vilarejos, quando se viu cercado com um amontoado de pessoas.

Apesar de não haver uma real definição do local onde era essa multidão ou de quem se tratava, acredita-se que a localidade ainda é nas proximidades de Decápolis. Portanto, há uma grande possibilidade de essa multidão ser parte gentia e isso já aponta para a misericórdia do Senhor, visto que os gentios eram rejeitados pelos judeus.

Portanto, esse texto pode ser

dividido em quatro cenas: (1) A compaixão de Jesus pela multidão (v.1-3); (2) A incredulidade dos discípulos (v.4-5); (3) O milagre (v.6-8) e (4) A despedida (v.9-10).

1. A compaixão de Jesus pela multidão (v.1-3)

A primeira cena dessa narrativa aponta o enredo, os personagens e o problema a ser superado. Quando a multidão se reuniu próximo a Jesus a questão é revelada: *“não tendo eles o que comer”* (vs.1); somado a isso o versículo 4 nos informa que eles estavam em um deserto. Logo, a situação era totalmente desfavorável e o local onde estavam a tornava mais difícil.

Diante disso, nos versículos 2 e 3, o Mestre convoca seus discípulos e revela a sua preocupação com essas pessoas: *“Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que*

comer. Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho; e alguns deles vieram de longe.”

O dilema está estabelecido: Cristo está profundamente comovido pela situação daquelas pessoas, visto que há três dias elas o seguiam e no deserto não havia meios para alimentá-las. Além disso, por estarem em um local remoto, se fossem despedidos da presença do Senhor eles poderiam até morrer de fome no caminho. Entretanto, a misericórdia do Senhor o moveu a trabalhar em favor daquele povo.

2. A incredulidade dos discípulos (v.4-5)

Essa segunda cena mostra que diante de um problema humanamente impossível de ser resolvido, os discípulos não ancoraram sua fé em Cristo. Aparentemente eles não haviam aprendido a preciosa lição, pois em Marcos 6.30-44 o Senhor Jesus já havia feito uma multiplicação de pães e peixes diante de seus olhos. Então eles se questionam: *“Onde, neste lugar deserto, poderia alguém conseguir pão suficiente para alimentá-los?”* (vs.4 - NVI).

É certo que Jesus poderia fazer os pães caírem do céu se fosse de sua vontade. Entretanto, assim como na primeira multiplicação, o Senhor envolve seus discípulos

de maneira intencional na sua obra com o intuito de ensinar-lhes valiosas lições espirituais. Por isso, diz o texto: *“E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete”* (vs.5).

Talvez você esteja refletindo acerca desse texto e comece a ter críticas sobre a lentidão dos discípulos em assimilar os ensinamentos espirituais que estavam recebendo de Cristo. No entanto, não pense que nós seríamos diferentes na mesma situação, afinal, o coração humano, corrompido pelo pecado, é extremamente lento em aprender lições espirituais. Na maioria das vezes são necessários inúmeros avisos e repreensões para que possamos minimamente compreender a mão de Deus em nosso favor.

3. O milagre (v.6-8)

Dessa forma, após envolver seus discípulos de maneira intencional no milagre, Jesus inicia o sinal propriamente dito. O que para os homens seria impossível, para Cristo não o é. Para tanto, ele *“Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, partiu-os, após ter dado graças, e os deu a seus discípulos, para que eles os distribuíssem, repartindo entre o povo”* (vs.6).

O Senhor pegou sete pães e alguns peixes e alimentou cerca de quatro mil homens que estavam

ali. Este milagre é incrível, pois o alimento disponível não satisfaria nem mesmo os discípulos, todavia os quatro mil homens *“comeram e se fartaram; e dos pedaços restantes recolheram sete cestos”* (vs.8). Note que eles não somente foram saciaram, mas ainda sobraram sete cestos de alimento que foram recolhidos.

Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo e verdadeiro, não é somente o Criador, mas também é o sustentador. Podemos recordar o sustento de seu povo no deserto por meio do maná (cf. Êx 16) e o próprio Cristo dizendo que é o pão da vida (cf. Jo 6.35). Logo, o pão da vida, a água viva, sustentou essa multidão, não somente com o alimento físico, mas também com o espiritual, visto que eles passaram cerca de três dias inteiros seguindo e ouvindo da mensagem de Cristo.

4. A despedida (v.9-10)

Portanto, após suprir as necessidades físicas e espirituais de uma multidão, Cristo as despede para embarcar para as regiões de Dalmanuta (vs.10). Os quatro mil homens que foram alimentados por Jesus demonstram que esse evento é diferente da primeira multiplicação registrada em Marcos 6.30-44, mesmo que críticos usem esse texto para atestar erros ou contradições na Escritura.

Na primeira multiplicação,

havia cinco mil homens que foram alimentados a partir de cinco pães e dois peixes até ficarem fartos e, ao final, ainda foram recolhidos doze cestos de comida. Na segunda multiplicação, há quatro mil homens que são alimentados a partir de sete pães e alguns peixes, com a sobra de sete cestos cheios. Portanto, trata-se de eventos distintos que atestam algumas coisas:

(a) Jesus é capaz não somente de fazer, mas também de repetir seus poderosos feitos; e (b) Sua compaixão é mostrada não somente ao povo da promessa, mas também àqueles que estão fora dela. Sobre isso – levando-se em conta que esse era um território predominantemente gentio¹.

Dessa forma, nota-se que Cristo pode fazer os milagres que quiser e quantas vezes quiser, afinal, ele tem poder absoluto sobre toda a criação. Ele é orientado somente pelo conselho de sua própria vontade. Semelhantemente, de uma maneira incompreensível aos judeus, ele supriu as necessidades físicas e espirituais dos gentios, já mostrando que eles também são alvos das misericórdias de Deus e apontando para a entrada deles no plano redentivo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *O que a compaixão de Jesus pela multidão nos ensina sobre o caráter de Deus e seu cuidado para conosco ?*
- *Como a incredulidade dos discípulos, mesmo tendo testemunhado a primeira multiplicação, reflete a nossa própria dificuldade em confiar na provisão de Deus?*
- *De que maneira esse texto nos motiva a depender mais de Deus e menos dos nossos próprios recursos e estratégias?*
- *Como esse milagre reflete o plano redentivo de Deus?*
- *Quais áreas da sua vida precisam ser entregues a Deus para que suas necessidades sejam supridas segundo a vontade dele?*

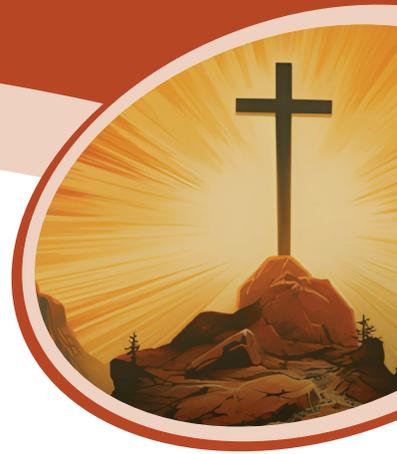
1 HENDRIKSEN, William. **Marcos**. 2 ed. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. p. 341





Tu és o Cristo (III)

Pr. Ronnie James da Silva Sousa



INTRODUÇÃO

O Senhor Jesus abordou a incredulidade como um grave problema do coração e a Escritura, de modo geral, trata-a como pecado. Neste texto, ao curar um cego, Cristo condena tanto a incredulidade quanto a oposição dos fariseus. Desde Marcos 7, Jesus enfrenta a resistência legalista dos líderes religiosos em relação ao seu ministério em território gentio.

Dessa forma, podemos subdividir esse trecho em quatro macrocenas: (1) A condenação da incredulidade dos ímpios (v.11-13); (2) A repreensão da incredulidade dos discípulos (v.14-21); (3) Um milagre como resposta à incredulidade (v.22-26); e (4) O abandono da incredulidade e a fé em Jesus (v.27-30).

1. A incredulidade dos ímpios é condenada (v.11-13)

Jesus Cristo está diante de alguns fariseus em um debate quando: *“começaram a discutir com Jesus. E, tentando-o, pediram-lhe um sinal vindo do céu”* (vs.11). Pelo que pode ser percebido no versículo, tais fariseus iniciaram o debate e pediram um sinal a Cristo com o objetivo de testá-lo. Afinal, que sinal era esse? Aqueles líderes religiosos estavam pedindo provas de que Jesus era quem ele realmente dizia ser e o desejo deles com isso era que ele falhasse na produção desse sinal, pois assim Jesus seria desacreditado publicamente.

Esse fato demonstra o tamanho da incredulidade daqueles homens, visto que naquele momento Jesus já tinha certa reputação e já atraía multidões por seus sinais. Cristo já havia multiplicado pães e peixes duas vezes para alimentar uma multidão, havia expulsado demônios, ressuscitado mortos, andado sobre as águas, dentre

outros milagres. Mas, para esse grupo incrédulo, isso não era suficiente.

O Senhor respondeu a essa atitude de incredulidade com um profundo suspiro e uma palavra condenatória. Afinal, ele já havia dado inúmeras provas infalíveis de que era o Cristo, Filho do Deus vivo. Ele se indignou e suspirou profundamente porque aquela dureza de coração e o pedido por um sinal o feriram profundamente¹. Por isso, ele arrancou de seu íntimo a seguinte resposta: *“Por que esta geração pede um sinal? Em verdade lhes digo que nenhum sinal será dado a esta geração”* (vs.12). O Senhor questiona o motivo pelo qual aquele povo pede sinais para crer, visto que tantos já lhes haviam sido dados. Então, ele mesmo responde dizendo que nenhum sinal seria realizado por causa do pedido deles, tampouco o seriam para o convencimento particular deles, posto que essas pessoas veem, mas não querem enxergar. Isto é, eles resistem conscientemente à ação de convencimento do Espírito Santo de maneira que invertem tudo por causa da maldade em seus corações².

2. A incredulidade dos discípulos é repreendida (v.14-21)

Embora seja esperado que os incrédulos vivam em sua incredulidade – ainda que esse

grupo específico vivesse em ativa resistência e oposição a Cristo – não se espera que os crentes vivam da mesma forma. No entanto, a segunda cena desse texto revela a falta de fé presente na vida dos discípulos de Jesus.

Isso ocorre quando Jesus e seus discípulos estão em um barco, mas esqueceram de fazer a provisão de alimentos para tal viagem: *“os discípulos se esqueceram de levar pão e, no barco, não tinham consigo senão um só”* (vs.14). A ideia de fazer uma viagem sem a provisão necessária é péssima, afinal, um único pão não alimentaria treze homens. Não obstante, Jesus estava no barco e, sem dúvida, ele ainda estava pensando sobre a dureza de coração dos fariseus da cena anterior.

Por isso, ele os instruiu dizendo: *“Fiquem atentos e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes”* (vs.15). É certo que o termo *“fermento”* aqui está relacionado ao ensino desses grupos. A mensagem por trás desse alerta é que seus discípulos deveriam tomar cuidado para que quaisquer ensinamentos errados não os levassem a viver na mesma incredulidade que os líderes religiosos viviam. Note o porquê desse alerta ser tão urgente: eles pensaram que o Senhor estava falando isso pelo fato de terem esquecido de levar pão (vs.16).

Por conhecer seus corações, Cristo os repreende por conta da incredulidade. Ora, por que a tão grande preocupação com a alimentação? Acaso o Mestre já não havia dado razões o suficiente para crerem que ele poderia facilmente resolver esse problema? E a alimentação providenciada para cinco mil homens certa vez e mais quatro mil em outra ocasião? Será mesmo que um único pão para alimentar treze pessoas é motivo de tão grande preocupação? Conclui-se que Cristo os repreendeu em forma de inúmeras perguntas com o objetivo de fazê-los refletir em sua incredulidade e passarem a adotar um espírito de confiança em Jesus.

3. Um milagre como resposta à incredulidade (v.22-26)

Uma vez que a incredulidade sobre Jesus parece ainda ser comum a todos os discípulos, ao fim da viagem de barco, eles chegam a um lugar chamado Betsaida e lá Jesus cura um cego de modo singular. Ao lhe trazerem o homem, Jesus o pegou pela mão e o levou para fora da cidade, e lá, ele cuspiu em seus olhos colocou as mãos sobre eles (vs.23).

O homem, por sua vez, respondeu dizendo: *“Vejo pessoas, mas elas parecem árvores que andam”* (vs.24). Então, o Senhor novamente lhe colocou as mãos sobre seus olhos e o cego passou a ver de

maneira perfeita (vs.25). A grande questão aqui é: o que realmente houve aqui? Por que a saliva? E por que parece que Jesus falhou na primeira vez para ter sucesso na segunda?

Aparentemente a saliva nos olhos foi uma forma pessoal de Jesus curar aquele homem e envolvê-lo naquele milagre, afinal, nada que Jesus fizesse levaria o homem a enxergar devido a sua cegueira. Portanto, a saliva aplicada em seus olhos foi para que ele percebesse e recebesse a clara mensagem: *“Algo está sendo feito por meus olhos e, aos meus olhos, é o Senhor quem o está fazendo”*.

Em segundo lugar, não se trata de uma falha de Jesus, mas a cegueira daquele homem foi curada de maneira gradativa e não instantânea. Por alguma razão, não nos é revelado o motivo de Jesus realizar a cura em duas etapas. Ele simplesmente o fez em poucos minutos.

4. O abandono da incredulidade e a fé no Cristo (v.27-30)

A última cena dessa narrativa mostra um diálogo onde Jesus está se deslocando para algumas aldeias com seus discípulos e lhes pergunta sobre *“quem ele realmente é”*. A indagação inicial de Cristo é sobre a opinião das pessoas sobre ele. A população da época, apesar de

se reunir ao redor do Mestre com certa frequência, não tinha a real dimensão acerca de Cristo.

Após um questionamento mais direto e preciso, o Senhor os instigou a expressarem sua própria crença. Até o momento, em toda a narrativa de Marcos, parece que todos estão um tanto lentos em assimilar quem Jesus realmente era. A população, de modo geral, o comparava a um grande profeta, afinal, não tinha como negar que Jesus vinha da parte de Deus com tantos sinais miraculosos. Todavia, isso não atesta para o fato de que todos tenham entendido verdadeiramente que ele é o Filho de Deus, o Messias prometido, o Ungido de Deus. Até o momento, considerando a progressividade da revelação, pouquíssimas confissões de fé foram realmente feitas.

Até que Pedro atesta “*Tu és o Cristo*” (vs.29) e esse fato marca um ponto importante da narrativa de Marcos, pois a partir dessa resposta o Senhor começa a falar abertamente aos seus discípulos sobre a sua paixão, a cruz e a sua ressurreição³. Apesar de tal afirmativa, nem Pedro nem os outros discípulos tinham entendimento pleno sobre Jesus ser o Cristo. Parece que aqui houve uma quebra da incredulidade dos seguidores de Cristo e uma luz no fim do túnel.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Em que área em sua vida você tem exigido mais provas de Deus antes de confiar nele?*
- *De que maneiras a resistência à verdade pode endurecer o coração e impedir alguém de ver claramente a obra de Deus?*
- *De que forma você tem crescido no seu entendimento de quem Cristo é?*
- *Se alguém perguntasse para você "Quem é Jesus?" sua resposta refletiria apenas conhecimento teológico ou uma convicção pessoal e transformadora?*
- *De que maneira sua compreensão de Cristo influencia sua disposição para segui-lo, mesmo diante de dificuldades e renúncias?*

1 HENDRIKSEN, W. Marcos. 2 ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2014.

2 POHL, A. Comentário Esperança, Evangelho de Marcos. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

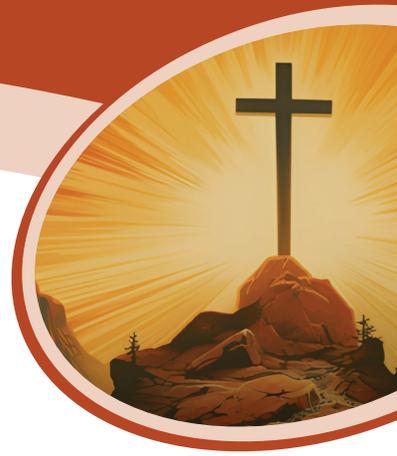
3 LANE, W. L. The Gospel of Mark. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974.





Jesus Cristo, a cruz e os discípulos

Pr. Robson Andrade Carvalho



INTRODUÇÃO

O desafio atual da igreja foi bem pontuado por John Stott quando ele fala sobre o “discipulado seletivo”, no qual as pessoas escolhem o que lhes convém e se distanciam do que lhes custará um preço. A pergunta crucial nesse cenário não é: “Que discípulos queremos ser?”, mas sim: “Que discípulos Jesus deseja ter?”. O ministério de Cristo entre seus discípulos é o fundamento teológico do nosso discipulado. O texto que estudaremos hoje tem incríveis lições sobre Jesus, a cruz e seus discípulos.

1. Jesus revela seu destino na cruz (vs.31)

A revelação de Jesus sobre seu destino acontece imediatamente após a declaração da sua natureza messiânica (v. 27-30). Uma vez que os discípulos foram confrontados com a revelação sobre da pessoa do Messias, agora eles teriam acesso à

revelação a respeito da sua obra expiatória.

a) **O ministério docente de Jesus.** No decorrer da narrativa de Marcos, por 5 vezes, aparece a expressão “e começou a ensinar” (1.21; 4.1; 6.2; 6.34; 8.31), e uma vez “ao ensinar” (12.38), todas elas se referindo ao ministério docente de Jesus. Transmitir a verdade divina era parte essencial do ministério do Salvador e o escritor Marcos deixa isso bem claro no modo como organizou as narrativas em seu evangelho. O ensino de Jesus nessa passagem se concentra na revelação da sua missão. Ao dizer que “era necessário” (vs. 31), Jesus claramente confirma que seu destino estava calcado na vontade soberana e imutável de Deus. O ensino do Mestre tinha a ratificação das Escrituras (Sl 40.7; Is 53; Mc 10.45).

b) **Jesus revela sua missão.**

Jesus explica que a determinação divina incluía quatro fases em seu futuro: 1) Que o Filho do homem sofresse: Seu sofrimento incluía não somente a perseguição religiosa ou maus tratos físicos, mas acima de tudo, o submeter-se à ira divina como o preço do resgate dos pecadores; 2) Que fosse rejeitado: Em João 1.11 lemos “*Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.*” Jesus não foi rejeitado apenas pelos seus compatriotas, mas também pelos gentios e autoridades romanas (At 4.27); 3) Que fosse morto: Todo o sofrimento de Jesus era como um rio a desaguar no mar da crucificação. A morte vicária (substitutiva) de Jesus era o centro em torno do qual todas as demais coisas orbitavam; 4) Que ressuscitasse. Depois de uma série de três notícias sensíveis (sofrimento, rejeição e morte), Jesus traz um bálsamo ao coração dos discípulos ao afirmar que sua ressurreição também estava determinada.

Aplicação: A missão de Jesus não foi produto do acaso, mas uma determinação divina. Ao revelar seu futuro sofrimento, Ele nos inspira a nos espelhar em sua coragem e determinação.

2. Jesus confirma o plano divino (vs.32)

A revelação feita por Jesus gerou reações entre os seus discípulos. Entretanto, apenas

Pedro teve a coragem de falar a Jesus aquilo que provavelmente os demais pensavam. A narrativa que segue apresenta Jesus defendendo a necessidade de sua morte.

a) A clareza do ensino de Jesus. É interessante notar que, na iminência de relatar a precipitação de Pedro, o evangelista Marcos enfatize que o ensino de Jesus foi cristalino, direto. Cristo queria que seus discípulos estivessem plenamente informados do que o futuro lhe reservava. A clareza do Mestre é o fundamento para o posterior desafio quanto ao discipulado (v. 34-38).

b) A precipitação de Pedro. O senso comum em Israel era de que a ideia de um messias excluía qualquer possibilidade de sofrimento ou morte. O conceito vigente de messianismo era totalmente triunfalista. A revelação de Jesus sobre seu caminho para a cruz estava em rota de colisão com o pensamento de Pedro (e dos demais), por isso, este o repreendeu erroneamente (Mt 16.22). A fala de entendimento de Pedro contrasta com sua convicção no versículo 29. O seu cuidado em chamar Jesus à parte mostra um mínimo de zelo pela reputação do Senhor perante os ouvintes.

c) Jesus repreende a Pedro. O Senhor foi célere em sua resposta: “*Para trás de mim, Satanás.*” O propósito do maligno foi o mesmo

tanto na tentação no deserto (Mt 4.8,9) como na instrumentalização de Pedro: desviar Jesus da cruz. Por isso mesmo Jesus afirma: *"Não pensa nas coisas de Deus, mas dos homens"*. Ele não ataca diretamente seu discípulo, mas aponta o ente maligno do qual procede toda oposição ao eterno desígnio de Deus. Jesus ratifica o plano divino que incluía sua morte e ressurreição.

Aplicação: A atitude de Pedro nos alerta quanto ao cuidado que devemos ter para não questionarmos os desígnios divinos. O choque entre a perspectiva humana e a divina é um convite aberto à influência maligna.

3. Jesus explica o caminho da cruz (v.34-38)

Após o diálogo reservado com os discípulos, Jesus convoca a multidão para junto de si, e usando como pano de fundo a revelação do seu martírio (vs.31), passa a explicar que o discipulado cristão é cruciforme.

a) O discípulo e a cruz.

Jesus explica que o martírio não é uma característica apenas do seu ministério, mas de qualquer pessoa que queria ser seu discípulo. Qualquer um que verdadeiramente deseje segui-lo, necessariamente estará portando uma cruz. Ao afirmar *"quem quer vir após mim"*,

ele acrescenta a tríplice exortação: *"negue-se a si mesmo, tome sua cruz, siga-me"* (vs.34). *"Negar a si mesmo"* significa rejeitar o ego como centro ordenador da vida e confiar exclusivamente em Deus. *"Tomar a cruz"* significa identificar-se com a missão do Mestre e aceitar o preço a ser pago numa vida de abnegação. *"Seguir"* é o imperativo lógico para todos aqueles que negam a si mesmos e tomam a sua cruz.

b) O discípulo e a salvação.

O *"pois"* no versículo 35 indica a continuidade da exortação de Jesus, só que numa linguagem mais explícita. Para Jesus, quem quiser salvar sua vida passageira, ao rejeitar o discipulado, acabará perdendo-a eternamente. De outro modo, aquele que abraçar o martírio do discipulado, será salvo (vs.35; Jo 12.25). Note que a razão da salvação não é mérito do discípulo, mas de Jesus: *"por minha causa"* e *"pelo evangelho"* (vs.35b). Para Jesus, nenhuma conquista terrena compensa a perdição eterna. Em termos comparativos, a conquista material do mundo inteiro seria uma completa derrota se isso acarretasse na perdição de uma única alma (vs.36). Diante dessa declaração, Jesus pergunta retoricamente: *"o que o homem poderia dar em troca de sua alma?"* (vs. 37; cf. Lc 12.16-21; 16.19-31). A resposta está subentendida no todo da sua exposição.

c) O discípulo e a vinda

gloriosa de Jesus. Encerrando seu discurso, Jesus faz uma forte advertência aos ouvintes. Primeiramente, ele caracteriza sua geração em duas categorias: adúltera e pecadora. Ambos adjetivos chamam a atenção para a infidelidade e rebelião da nação de Israel daqueles dias. Era comum o uso da linguagem matrimonial para descrever a rebelião espiritual de Israel (Is 50.1 ss; Jr 3.8; 13.27; 31.32; Ez 16.32, 35ss; Os 2.1ss). Jesus adverte o público sobre o perigo da covardia: *“Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras”* (38).

A retribuição a tal atitude será na mesma moeda: a rejeição por parte do Filho do homem. Jesus faz uma descrição gloriosa do seu retorno, ao usar o título messiânico *“Filho do homem”* (Dn 7.13), ao citar a *“glória de meu Pai”* e também ao mencionar os *“santos anjos”* que o acompanharão em sua vinda. Essa cena gloriosa não só contrasta com o seu estado de humilhação do versículo 31, mas também mostra a certeza do juízo sobre os que se envergonham do Senhor.

Aplicação: Se você *“segue”* a Jesus sem negar-se, na verdade segue a si mesmo. Se você *“segue”* a Jesus sem tomar a cruz, ainda não entendeu a natureza sacrificial do discipulado. Não há discípulo sem cruz!

CONCLUSÃO

A narrativa de Marcos 8.31-38 nos inspira levar uma vida de perseverança baseada no exemplo sacrificial de Jesus, isto é, nos ensina a aceitarmos humildemente as determinações divinas não só a respeito do plano da salvação, como também nos exorta a uma vida de abnegação por meio da cruz.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *O sofrimento de Jesus é algo que ocupa seus pensamentos e o encoraja diante das provações?*
- *Você reconhece humildemente o direito divino de determinar os rumos da redenção e da história humana?*
- *Será que nossa negligência no discipulado não se deve, em certa medida, à vergonha de sermos identificados como cristãos?*
- *Que ponto do seu discipulado precisa ser alinhado com a vontade soberana de Deus?*





Jesus Cristo, a cruz e os discípulos (II)

Pr. Robson Andrade Carvalho



INTRODUÇÃO

A experiência comum nos ensina que o discipulado cristão é marcado por altos e baixos. Temos dias de glória e dias de angústia. Não há linearidade quando o assunto é caminhar segundo o ensino de Jesus.

A narrativa de Mc 9.1-29 mostra exatamente isso, pois vemos os discípulos em momentos de glória ao subirem ao monte, e momentos de fracasso ao descerem. Em meio a tudo isso, nosso Senhor os ensina grandes verdades com maestria, usando cada experiência com o fim de direcioná-los teologicamente para caminho na cruz.

1. Jesus é transfigurado (v.1-8)

O primeiro relato dessa narrativa é extraordinário. O que veremos a seguir é um magnífico quadro da glória celestial invadindo a história humana através da transfi-

guração de Jesus.

a) A promessa de Jesus (1-2).

Ao dizer *“em verdade vos afirmo”*, Jesus chama a atenção para sua autoridade em tom de promessa. A garantia de Jesus a alguns dos discípulos, é de que não morreriam sem ver o reino de Deus vindo em poder. Tal promessa não se cumpriu em um único evento, mas em vários, como na transfiguração (v. 2-13), na ressurreição em poder (2ª Co 13.4), na autoridade recebida (Mt 28.18), na ascensão (At 1.9) e no Pentecostes (At 2). Esses eventos mostram um prelúdio da sua gloriosa vinda final (Mt 24.30-31).

b) A transfiguração (3-6). Seis dias depois, Pedro, Tiago e João presenciaram o extraordinário. Num alto monte (Tabor ou Hermon, segundo a tradição), Jesus foi transfigurado na presença deles, de tal modo que até sua roupa tornou-se *“sobremodo branca”*

(vs.3). Depois apareceram Moisés e Elias, que conversavam com Jesus. O texto de Lc 9.31 descreve o conteúdo dessa conversa. Não sabendo o que dizer, Pedro sugeriu a construção de tendas.

É importante notar as semelhanças dessa cena com a entrega da lei no monte Sinai (Êx 19). Nos dois casos, o cenário é um alto monte; lá o mediador é Moisés; aqui, o mediador é Cristo; aqui, a lei do Sinai é lembrada pela presença de Moisés; as duas ocasiões foram marcadas pelo surgimento de nuvens; tanto no Sinai como aqui, o brado de Deus foi ouvido e em ambas as ocasiões a glória divina refletiu-se nos mediadores.

c) A declaração divina (7-8). Em seguida, surgem dois fenômenos incríveis no desfecho da transfiguração: o primeiro foi a aproximação de uma nuvem, elemento que possui uma rica significação para Israel (Ex: a nuvem-guia no deserto; a nuvem no tabernáculo; a nuvem de chuva no ministério de Elias).

O segundo fenômeno foi a voz vinda da nuvem: *“Este é o meu Filho amado. Ouçam-no”*. É importante notar que o Pai celestial confirmou a filiação e a obra de Cristo tanto no início do seu ministério (Mt 3.17) como na proximidade da cruz. Além de confirmar a filiação de Cristo, a voz também ordena que os discípulos se submetam a ele.

Depois da voz celestial, Moisés e Elias desapareceram (vs. 8).

Aplicação: Uma das nossas maiores necessidades é de termos uma clara percepção sobre a pessoa e obra de Jesus. Devemos agradecer por aquilo que já nos foi revelado sobre ele, mas como resposta a isso, devemos nos humilhar diante da sua glória e nos submetemos ao comando da sua voz.

2. Jesus e o ministério de Elias (v.9-13)

Após a transfiguração do Senhor, seus discípulos ficaram com dúvidas a respeito do ministério de Elias. O Senhor dá uma clara explicação sobre a vinda de Elias, visto ser este um assunto recorrente na sociedade judaica.

a) A proibição de Jesus (9,10).

A experiência vivida pelos discípulos não poderia ser divulgada de imediato. Chegaria o momento oportuno em que eles receberiam luz (Lc 24.45) para compreenderem, espiritualmente, o que haviam assimilado apenas visualmente. Após a ressurreição, os discípulos teriam não só uma compreensão profunda desses acontecimentos, mas também a oportunidade de ensinarem a outros. Apesar da fala de Jesus, ficaram com dúvidas sobre o que seria a ressurreição (v.10). Essa dúvida dá início ao próximo tema do diálogo: a vinda do profeta Elias.

b) A vinda de Elias (11-12). Inquietos com a questão da ressurreição, os discípulos perguntam a Jesus sobre a vinda de Elias. Os escribas ensinavam que Elias viria antes da ressurreição, e a experiência no monte pode ter levado os discípulos a se perguntarem se aquela aparição do profeta teria cumprido a profecia de MI 3.1; 4.5,6. No versículo 12, Jesus confirma que Elias viria primeiro, referindo-se a João Batista, mas também diz, em forma de pergunta, que as Escrituras também profetizaram sobre seu sofrimento.

c) O sofrimento de Elias (13). No desfecho desse diálogo, Jesus afirma que Elias (João Batista) já veio, encerrando de vez o debate dos escribas. João Batista já havia encerrado seu ministério e todas as coisas enfrentadas por ele, desde a oposição dos fariseus, como também sua prisão e decapitação, estavam estritamente determinadas por Deus (vs.13). O ministério de João Batista e de Jesus se unem sob o prisma do martírio.

Aplicação: Ao citar o sofrimento de Elias, nosso Senhor nos dá uma rica ilustração do sofrimento no discipulado. Aqueles que seguem a Cristo, devem estar cientes do custo do discipulado.

3. A autoridade de Jesus sobre o mal (v.14-29)

Ao descer do monte, Jesus se depara com um debate entre seus discípulos e os mestres judaicos. A discussão teria um fim não à base de argumentos, mas de um ato poderoso de Jesus na libertação de um jovem.

a) Discussão com os mestres da lei (14-16). Quando desceram do monte, os outros nove discípulos discutiam com os mestres da lei diante de uma multidão (vs.14). Ao avistar Jesus, o povo correu em sua direção. É nítido que aquele debate só se estendeu porque Jesus não esteve presente. Os discípulos, ainda com um conhecimento deficiente, eram presas fáceis para os mestres da lei. Jesus entra no debate e pergunta: “*o que vocês estão discutindo?*” (vs.16).

b) A cura de um menino (17-27). Do meio da multidão, um pai aflito respondeu a Jesus e relatou a opressão maligna sobre seu filho. Ele fez um pedido a Jesus (vs.17,18), visto que os seus discípulos haviam fracassado. As cenas seguintes são estas: a) O lamento do Senhor (vs.19); b) a agitação do espírito maligno (vs.20); a pergunta de Jesus (vs.21); c) a súplica do pai (vs.22); d) a declaração de Jesus (vs.23) e a declaração de fé do pai (vs.24); e) a expulsão do espírito maligno (v.25-27). O que os discípulos não puderam fazer, Jesus realizou com perfeição e autoridade.

c) A oração e o jejum (28-29).

Estando agora dentro de uma casa, o debate sobre a expulsão do espírito continua, só que agora entre os discípulos e Jesus. A pergunta dos nove discípulos é compreensível. Por que eles fracassaram naquele caso específico? Jesus coloca três questões: a) o tipo específico de espírito; b) a prática da oração; c) a prática do jejum. Assim como entre os anjos eleitos, entre os demônios também existe graus de poder e autoridade. É notável a violência de espírito sobre o jovem (17,18,20,22). Os discípulos fracassaram especialmente porque negligenciaram a prática da oração e do jejum.

Aplicação: O fracasso dos discípulos é um alerta sobre a nossa espiritualidade, assim também como a autoridade de Jesus é um convite à nossa fé. Diante dos problemas que surgem, a questão não é se Jesus pode, mas se você crê.

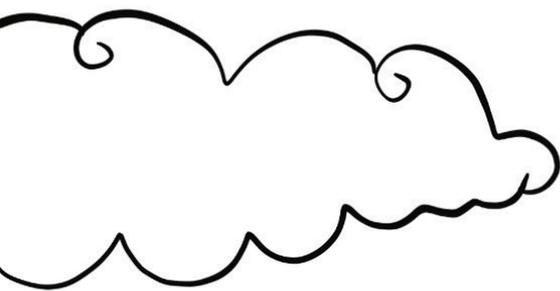
CONCLUSÃO

Na lição de hoje, aprendemos que a transfiguração do Senhor Jesus nos confronta com o desafio de obedecer incondicionalmente à sua voz, pois ele é o Filho amado de Deus. Aprendemos com o martírio de “Elias” que devemos perseverar firmemente no caminho do discipulado. Por fim, precisamos entender que a luta contra o mal deve nos tornar cada vez mais dependentes da autoridade de Jesus.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Você se lembra da última fase de dúvidas ou desânimo em sua vida espiritual?*
- *Sua visão a respeito de Jesus leva você a obedecer à voz dele?*
- *Você está disposto a perseverar no caminho da cruz, mesmo diante das mais variadas adversidades?*
- *Você tem confiado em Deus no combate às forças malignas?*
- *Estamos devidamente firmados neles para seguirmos com êxito no caminho cruciforme do discipulado?*





Jesus Cristo, a cruz e os discípulos (III)

Pr. Robson Andrade Carvalho



INTRODUÇÃO

A vida cristã é o grande palco onde a obra artística do discipulado acontece. Mas, como toda arte, ele também precisa de constantes ajustes a fim de que os discípulos glorifiquem a Deus pelo que veem (Mt 5.16).

No texto de Mc 9.30-50, Jesus continua o trabalho de esculpir nos discípulos a sua própria imagem. Seus ensinamentos corrigem a rota deles em vários momentos, mostrando-lhes a real natureza do caminho da cruz.

1. Jesus prediz a sua morte (v.30-32)

Após explicar aos discípulos a necessidade do jejum e da oração na luta contra as forças do mal, o Senhor retorna ao tema do seu martírio, predizendo mais uma vez seu sofrimento, sua morte e ressurreição.

a) A privacidade com os discípulos (30-31a)

Após atravessarem o mar da Galileia, Jesus procurou ter um momento reservado com seus discípulos. O início do versículo 31 explica o motivo pelo qual Jesus queria privacidade com os discípulos: o sensível tema do sofrimento, morte e ressurreição.

Cristo aproveitou esse momento reservado para ensinar-lhes lições sobre a cruz. Ele sabia muito bem que tais informações não poderiam chegar ao conhecimento do público. Se Pedro se opôs a Cristo por não entender seu destino, imagine o que uma multidão poderia fazer por falta de entendimento.

b) O anúncio do martírio (31b).

Em três momentos neste evangelho, Jesus falou sobre seu martírio (8.31; 9.31; 10.33,34). No caso presente, o Senhor reforça

o seu primeiro anúncio sobre o destino na cruz. Ao combinar os termos “Filho do homem” e “o matarão”, ele une a imagem do Rei Soberano de Dn 7.13,14 com a do Servo Sofredor de Is 53.8.

O Senhor confirma mais uma vez aos discípulos que, apesar da sua prisão e morte pelas mãos dos homens, ele ressuscitaria ao terceiro dia pelo poder de Deus. Em outras palavras, todo o esforço dos homens seria inútil, pois era impossível manter o Autor da vida sob o domínio da morte (At 2.22).

c) O receio dos discípulos (32). Mais uma vez, os discípulos ficaram sem entender o discurso de Jesus. Além de não entenderem, tinham receio de lhe perguntar. O evangelho de Mateus relata o sentimento deles: “Então, os discípulos se entristeceram grandemente” (Mt 17.23). Lucas acrescenta algo crucial: “foi-lhes encoberto para que o não compreendessem” (Lc 9.45). O conhecimento da verdade depende da vontade soberana de Deus (Mt 11.25).

Talvez o receio dos discípulos em perguntar esteja relacionado com o fato de Jesus ter repreendido Pedro. por causa da sua fala precipitada (Mc 8.33; Mt 16.23). Com medo de outra repreensão, decidiram ficar em silêncio.

Aplicação: Reconhecemos

nossa grande limitação diante dos ensinamentos do Mestre. O lema de Calvino era *Orare et Labutare*, “orar e estudar”. Precisamos não apenas examinar as Escrituras, mas rogar a Deus pelo entendimento genuíno (Tg 1.5).

2. A grandeza do reino de Deus (v.33-37)

Os discípulos haviam demonstrado muitas dúvidas durante o ministério de Jesus. Agora, a discussão é sobre quem seria o maior entre eles. Jesus entra em cena para socorrê-los mais uma vez.

a) A pergunta constrangedora de Jesus (33-34). Ao chegarem em Cafarnaum, Jesus perguntou aos discípulos sobre o que eles discutiam no caminho. Alguns intérpretes afirmam que a predição de Cristo (9.30-32) desencadeou o debate dos discípulos sobre suas posições no reino de Deus. Agora, eles foram tomados pelo interesse no grau de importância que teriam.

Diante da pergunta de Jesus (vs.33), eles só puderam guardar silêncio (vs.34), pois todos sabiam que o interesse pela proeminência ia contra tudo aquilo que Jesus vivia e ensinava (Jo 13.1-15).

b) O serviço humilde no reino (35). O gesto de Jesus ao se assentar era a indicação de que iria transmitir um ensinamento muito importante. Para responder à questão debatida pelos discípulos,

Jesus inverte a lógica humana e apresenta a lógica do reino ao dizer: *“Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos”* (Mt 20.26, 27).

Ninguém melhor que o Senhor poderia fazer tal afirmação e permanecer ileso em sua consciência. Jesus transformava em ensino aquilo que ele naturalmente demonstrou em sua própria vida (Fp 2.5-8).

c) O cuidado com os pequeninos (36-37). Para ilustrar seu ensinamento, Jesus chamou uma criança e colocou-a no meio deles. A mania de grandeza dos discípulos deveria ser substituída pela simplicidade no viver, como por exemplo, o serviço atento e cuidadoso para com os pequeninos.

Para Jesus, se o discípulo conseguisse descer do seu pedestal e atentasse para o cuidado com uma simples criança, ele verdadeiramente estaria se tornando grande no reino. A humildade ao cuidar dos pequeninos é serviço prestado a Cristo, e conseqüentemente, a Deus (vs.37).

Aplicação: Não permita que o ego dirija sua vida e seu ministério. Policie seu coração quanto a intenções vaidosas no serviço de Deus.

3. A cooperação entre os discípulos (v.38-50)

Na parte final da narrativa, Jesus ensina os discípulos sobre a importância da colaboração entre os servos de Deus no discipulado. A mutualidade entre os discípulos é o grande desejo do Mestre.

a) O individualismo dos discípulos (38-40). A fala de Jesus sobre o cuidado com os pequeninos (v.35-37) levou os discípulos a se perguntarem se tinham agido corretamente em relação a um certo exorcista. Os discípulos tentaram impedi-lo porque ele não andava com os Doze.

Jesus respondeu dizendo: *“não o impeçam”* (vs.39), e em seguida apresenta duas razões: a) alguém que verdadeiramente age em nome dele não pode falar mal dele; b) quem não age contra ele age a seu favor (vs.40). Há um caso semelhante em Nm 11.26-29 que vale a pena ser conferido.

b) O cuidado com os discípulos (41-42). Para reforçar a ideia da cooperação no reino de Deus, Jesus diz que um simples copo de água dado a um discípulo seu acarretaria em segura recompensa (Mt 25.40). Afirma também que quem fizer um discípulo seu tropeçar, será penalizado de modo mais severo do que alguém lançado ao mar com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço (vs.42).

A palavra “tropeçar” evoca a ideia de uma cilada e também era usada para se referir ao pedaço de pau que disparava uma armadilha (Mt 18.7; Lc 17.1). A justiça divina não deixaria impune aqueles que ao invés de cooperarem, atentassem contra os discípulos de Jesus.

c) O cuidado com o testemunho (43-50). Jesus tira o foco dos opositores e trata do cuidado que os discípulos deviam ter quanto aos tropeços. Utilizando-se de linguagem figurada, o Senhor declara que é melhor livrar-se da mão (vs.43), do pé (vs.45) e dos olhos (vs.47), do que ser lançado no inferno, finalizando cada um dos três exemplos com a declaração: “*onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga*” (vs.44,46,48). Nesse caso, “*mão*”, “*pé*” e “*olhos*” representam tudo aquilo que leva o discípulo a pecar.

“*Ser salgado com fogo*” (vs.49) significa que os discípulos seriam provados com o propósito de serem purificados (1ª Co 3.13-15). No versículo 50, o sal já não tem o significado de prova, como no versículo 49. O sentido agora é de “*testemunho*”. O discípulo deve ter o cuidado de preservar seu testemunho, o que envolve uma vida de paz com o próximo.

Aplicação: Não seja um concorrente na obra de Deus. Seja disposto para cooperar com os outros e humilde para receber a

ajuda deles. Seja um colaborador para que seu testemunho seja arrebatador.

CONCLUSÃO

Que as dúvidas dos discípulos nos encorajem a buscar iluminação divina para a compreensão dos ensinamentos do Mestre! Que as ambições dos discípulos nos alertem quanto ao perigo do orgulho na obra de Deus! Por fim, que o individualismo deles nos lembre a importância da cooperação para um bom testemunho perante o mundo.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Estamos cientes da verdadeira essência do discipulado?*
- *Você tem buscado devidamente a dependência de Deus para a compreensão dos ensinamentos de Jesus?*
- *Seu referencial de grandeza baseia-se nos critérios humanos ou na ética do reino?*
- *A sua cooperação na obra de Deus tem gerado um bom testemunho diante das pessoas?*
- *Sua vida tem testemunhado a arte da graça de Deus em esculpir um discípulo de Jesus?*





Jesus Cristo, a cruz e os discípulos (IV)

Ed. Tássia Gonçalves Pinheiro Gomes



INTRODUÇÃO

Os versículos do capítulo 10:1-31 apresentam três episódios que, à primeira vista, parecem desconectados entre si. No entanto, ao analisá-los com profundidade, percebemos que todos abordam a mesma realidade: **a dureza do coração humano**. O divórcio, o orgulho e o apego às riquezas são sintomas dessa condição espiritual que afasta o homem de Deus.

Jesus, ao tratar desses temas, revela que a dureza do coração não é apenas um problema comportamental, mas uma condição espiritual que precisa ser transformada pela ação divina. Diante disso, o propósito deste estudo é explorar como essa dureza se manifesta, como ela impede o homem de experimentar o Reino de Deus e como a graça divina pode restaurar um coração quebrantado.

1. O divórcio e a dureza do coração (v.1-12)

A narrativa começa com os fariseus tentando colocar Jesus à prova, perguntando se era lícito ao homem repudiar sua mulher (vs.2). A pergunta não era feita porque eles desejavam obter esclarecimento, mas para provocar uma armadilha teológica. Os fariseus baseavam sua pergunta na lei mosaica, que permitia a carta de divórcio (Dt 24.1-4). No entanto, o que estava por trás dessa questão era a tentativa de justificar a prática do divórcio como algo legítimo diante de Deus.

Jesus, porém, responde apontando para a intenção original de Deus na criação: *“Mas Jesus lhes disse: por causa da dureza do vosso coração, ele vos deixou escrito esse mandamento. Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e*

mãe [e unir-se-á a sua mulher] e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem” Mc 10.5-9.

Ao fazer isso, Jesus não apenas corrige a visão distorcida dos fariseus, mas também reafirma que o plano original de Deus para o casamento é a união indissolúvel entre homem e mulher. Ele destaca que a permissão para o divórcio dada por Moisés era uma concessão temporária por causa da dureza do coração humano (vs.5). Essa dureza se manifesta na incapacidade do homem de perdoar, de se sacrificar pelo outro e de buscar a reconciliação.

O ensino de Jesus revela que a vontade de Deus não mudou ao longo do tempo. O casamento é uma aliança sagrada, instituída para refletir a união entre Cristo e sua igreja (Ef 5.31-32). A dureza do coração humano, porém, tem levado muitos a desprezarem essa aliança e a buscarem justificativas para dissolvê-la. A dureza do coração no casamento pode se manifestar de diversas formas, como a falta de perdão, o egoísmo e a negligência espiritual. A restauração de um casamento quebrado só é possível quando ambos os cônjuges permitem que Deus transforme seus corações.

2. As crianças e a humildade (v.13-16)

Logo em seguida, o texto apresenta o episódio em que Jesus recebe crianças, mesmo diante da resistência dos discípulos. A repreensão de Jesus revela uma verdade espiritual profunda: *“Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porque dos tais é o Reino de Deus”* (vs.14).

Na cultura judaica daquele tempo, as crianças eram consideradas socialmente insignificantes, sem qualquer poder ou mérito próprio. Ao destacar que o Reino de Deus pertence aos que se assemelham a elas, Jesus está ensinando que a entrada no Reino não é conquistada por méritos ou posição, mas por uma confiança simples e humilde. A dureza do coração se revela quando as pessoas confiam em sua própria justiça e autossuficiência, achando que podem merecer o favor de Deus. As crianças, por outro lado, dependem completamente de seus pais, refletindo a atitude de humildade necessária para entrar no Reino.

Comentando esse texto, R.C. Sproul destaca: *“A entrada no Reino de Deus exige que abandonemos toda autossuficiência e venhamos a Cristo com a confiança de uma criança”*. A humildade é a antítese da dureza do coração, pois abre espaço para a dependência total de Deus e para a obra regeneradora do Espírito Santo.

3. O Jovem rico e o apego às riquezas (v.17-31)

A terceira narrativa do capítulo 10 apresenta o encontro de Jesus com um jovem rico que buscava a vida eterna. O texto destaca que o jovem se aproxima de Jesus com uma postura aparentemente reverente, ajoelhando-se e chamando-o de “Bom Mestre” (vs.17). No entanto, a resposta de Jesus revela que, apesar de sua religiosidade, o coração daquele homem estava profundamente apegado às suas riquezas.

Jesus responde lembrando os mandamentos, e o jovem declara que os guardava desde a juventude (vs.20). Contudo, Jesus expõe a verdadeira condição do coração dele ao dizer: “e Jesus, fitando-o, o amou e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me” (vs.21). A tristeza do jovem ao ouvir essa palavra revela que sua verdadeira confiança estava nas riquezas, e não em Deus.

A dureza do coração se manifesta quando o amor às coisas materiais ocupa o lugar que pertence a Deus. John Piper nos faz refletir sobre isso quando afirma que: “O maior obstáculo para entrar no Reino de Deus não é a pobreza, mas a riqueza que ocupa o trono do coração humano.” Olhar para essa narrativa com o coração ensinável é compreender que a dureza do coração pode se disfarçar em uma vida moralmente correta, mas que

se recusa a render tudo a Cristo.

CONCLUSÃO

A dureza do coração é uma realidade que afeta todas as áreas da vida humana. No entanto, o Evangelho oferece esperança para aqueles que reconhecem sua necessidade e se voltam para Deus com humildade. Somente o poder transformador de Cristo pode quebrar um coração endurecido e moldá-lo conforme a vontade de Deus.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *De que maneira a dureza do seu coração tem afetado seus relacionamentos?*
- *Que tipo de ações podem ajudar você a ser humilde diante de Deus e das pessoas?*
- *Existe alguma área da sua vida que você tem buscado justificativas para não obedecer a Deus?*
- *O que significa para você receber o Reino de Deus como uma criança?*
- *Como é sua relação com os bens materiais que possuiu ou que deseja possuir? Como essa relação impacta sua caminhada espiritual?*
- *Que passos práticos esse texto bíblico produz em sua vida?*
- *Faça uma avaliação de “como está o seu coração” o ore sobre isso.*





Jesus Cristo, o rei que morrerá

Pr. Lucas de Souza Santos



INTRODUÇÃO

“Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”. Essa é uma frase do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Esse pensamento até poderia cair bem para os discípulos de Jesus, e até justificaria o desentendimento acerca das coisas do Reino de Deus. Mas não se aplica a Jesus, ele sabia o caminho que deveria percorrer, um caminho de morte, mas que resultaria na sua ressurreição.

Enquanto Jesus caminhava com os discípulos para Jerusalém, ele ia convicto de que seu tempo de se entregar por nós estava chegando. Então, mais uma vez (cf. 8.31; 9.31-32) avisou e preparou seus discípulos para os eventos marcantes que aconteceriam dentro em breve. Mas, ao que parece, a mente de alguns dos discípulos estava em outro lugar; estavam preocupados com detalhes totalmente irrelevantes.

1. A caminho do sofrimento (v.32-34)

Jesus prediz sua morte e ressurreição. Esse era o assunto principal daquela viagem. O sofrimento que já havia sido anunciado pelos profetas (Lc 18.31) e que o próprio Cristo alertou a seus discípulos. Esse fato não parecia ser aceitável e nem fazer sentido para eles.

O anúncio que Jesus fez aqui é o assunto principal de sua existência, o propósito central, a própria essência do Evangelho. Que Jesus foi entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Condenado à morte pelo Sinédrio (tribunal dos judeus) e por Pilatos. Foi escarneado, zombado, açoitado, esbofetado, ferido e moído, incluindo uma coroa de espinhos. Jesus se voluntariou para a morte expiatória. Dando sua vida em resgate de muitos.

Com a sua morte, ele nos comprou para Deus, pela sua morte fomos libertados do cativeiro do pecado e recebemos vida. Ele morreu não apenas para possibilitar a nossa redenção, mas para nos salvar. Ele recebeu o castigo que nos traz a paz; levou sobre o seu corpo, no madeiro, os nossos pecados. Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades.

Jesus prenunciou não apenas a sua morte, mas também a sua ressurreição. Seu plano eterno passava pelo vale da morte, mas a morte não o poderia reter.¹

2. A caminho da exaltação (v.35-40)

Esse é o contraste que Marcos nos apresenta. Depois de uma revelação tão impactante acerca dos próximos dias, o que estava na mente de Tiago e João era a possibilidade de se colocar à direita e à esquerda de Jesus no reino (v.35-37).

Apesar de todas as claras advertências de nosso Salvador, Tiago e João se apegaram à crença de que o reino de Cristo na terra tinha mais relevância. Apesar da fé e do amor que eles tinham para com Jesus, estavam preocupados com coisas terrenas e secundárias. Demonstravam não conhecer seus próprios corações, nem a natureza do caminho que eles

estavam seguindo. Ainda estavam sonhando com coroas temporais e com recompensas terrenas.

Isso nos impressiona, mas a verdade é que somos como Tiago e João. Em nossa vida cristã, somos inclinados a esquecer a cruz e as tribulações e a pensar exclusivamente nas recompensas. Criamos expectativas incorretas acerca de nossa própria existência e missão. E o resultado de tudo isso é que, com frequência, precisamos adquirir sabedoria pagando caro, mediante experiências amargas, após muitos desapontamentos e não poucas quedas.²

Tanto o pedido quanto a justificativa dos discípulos foram desprovidos de discernimento espiritual. Jesus perguntou-lhes: *“Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado? Disseram-lhe: Podemos...”*. Beber o cálice significava experimentar, em profundidade, o sofrimento (14.36; Mt 26.39; Lc 22.42). Eles estão pedindo uma coisa e pensando receber outra. Querem a glória, enquanto pedem sofrimento.³

3. O exemplo e a missão (v.41-52)

Os outros discípulos ficaram indignados com o pedido de Tiago e João. Mas Jesus, percebendo a ambição no coração dos seus discípulos, ensina uma lição

sobre o espírito de grandeza que predomina no mundo. Ser grande no conceito do mundo é ser servido e ter poder sobre os outros; é usar o domínio sobre as pessoas para a desvantagem destas e para a vantagem de quem assim domina.⁴

No reino de Deus, a pirâmide está invertida. A grandeza é medida pelo serviço e não pela dominação. Ser grande é ser servo, é estar a serviço dos outros em vez de ser servido pelos outros. Entre os discípulos, um novo tipo de relacionamento deve prevalecer, ou seja, seus discípulos devem ser servos (*diakonos*) uns dos outros e escravos (*doulos*) de todos.⁵

Essa grandeza é exemplificada por Cristo, seus discípulos puderam aprender na teoria e na prática o propósito da missão.

Marcos afirma que quando Jesus estava saindo de Jericó, *"Bartimeu, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho. E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!"*.

Bartimeu viu pelos olhos da alma que precisava de Jesus. O cego não havia presenciado nenhum dos poderosos milagres de nosso Senhor. Ele nunca tivera a oportunidade de ver pessoas mortas sendo ressuscitadas mediante uma palavra proferida por Cristo ou ver os leprosos serem

curados por meio de um toque. Desses privilégios todos, a cegueira o privava totalmente. Porém, ele ouvira as notícias acerca das poderosas obras de nosso Senhor. E, como as ouviu, ele creu.⁶

O apóstolo prossegue nos mostrando que Jesus sempre se preocupou profundamente com as pessoas. Ao ouvir os gritos do cego Bartimeu, o Mestre prontamente se dispôs a ajudá-lo e restituiu-lhe completamente a visão. Jesus amava o ser humano, olhando com empatia e misericórdia para as multidões. Essa foi uma de suas marcas durante todo seu ministério, abalando a sociedade da época e fazendo diferença até os dias de hoje. Por isso, Marcos estabelece o verso chave do seu evangelho: *"Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos"* (Mc 10.45). O verdadeiro discípulo de Cristo deve se dispor a tomar a sua cruz, assim como fez o seu Senhor!⁷

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Temos muitas semelhanças com os discípulos de Jesus, deixamos coisas secundárias dessa vida tomar o lugar daquilo que é primazia. Qual a implicação da morte e ressurreição de Jesus para nossa própria vida?*

- *Em nossa vida cristã, temos procurado posições de relevância como Tiago e João, ou temos nos dedicado*

à missão sem nos preocupar com as glórias deste mundo?

- *Como podemos evitar a ambição e a busca por poder e glória?*

- *A vida cristã é de abnegação, dedicação, serviço e amor ao próximo. Qual é a definição de grandeza para o reino de Deus?*

- *Quais são as implicações da grandeza no reino de Deus para a nossa forma de viver e servir neste mundo?*

- *Qual a marca do ministério de Jesus e como podemos aplicá-la em nossas próprias vidas?*

1 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2. ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 491–493.

2 RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Marcos. 2 ed. São José dos Campos: Fiel. 2018. p.184–185.

3 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 495.

4 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 497.

5 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 497.

6 RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Marcos. 2 ed. São José dos Campos: Fiel. 2018. p. 188.

7 NEVES, Itamir. Guia de Estudo Através da Bíblia: 301 Perguntas para desvendar o evangelho de Marcos. 1 ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2013. p. 78.





Jesus Cristo, o rei que julga e liberta

Pr. Lucas de Souza Santos



INTRODUÇÃO

A partir desse capítulo, Marcos se concentra na última semana que antecede o sacrifício do Senhor Jesus. Esse acontecimento que marca o início de seu sofrimento é sua aparição pública e cheia de honra, algo muito diferente do que ele estava habituado. Apesar de sua entrada triunfal em Jerusalém, sendo aclamado por multidões, Jesus entrou na cidade santa para cumprir seu ministério e, sem perder sua missão, expôs sua justiça e verdade a todos.

1. O Rei triunfante (v.1-11)

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém foi totalmente diferente daquelas celebradas pelos conquistadores romanos. Quando um general romano retornava para Roma depois de sua vitória sobre os inimigos, era recebido por grande multidão. Porém, Jesus estava dizendo que sua missão era de

paz e que seu reino era espiritual. Estava cumprindo a profecia de Zacarias: *“Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta”* (Zc 9.9).¹ Essa entrada trouxe à tona verdades acerca de Jesus, que foram manifestas pela multidão que ali estava. Cristo foi recebido como o Salvador: A multidão gritou: *“Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor”* (Mc 11.19). A palavra *Hosana* é um clamor pelo Salvador. Significa *“salvar agora”,* ou *“salve, nós suplicamos”*. Ao mesmo tempo Jesus é recebido como Rei, por aqueles que esperavam o estabelecimento do Reino de Deus e da libertação dos seus pecados.

2. O Messias também é Juiz (v.12-14)

Jesus, tendo-se aproximado de uma figueira, à procura de fruto, *“nada achou senão folhas”*.

Então, o Senhor proferiu sobre ela uma sentença solene: *“Nunca, jamais, coma alguém fruto de ti”*. No dia seguinte, os discípulos *“viram que a figueira secara desde a raiz”*. Não podemos duvidar, por um momento sequer, de que todo esse acontecimento serve de figura das coisas espirituais. Foi uma parábola teatralizada, tão repleta de significado quanto qualquer outra das narradas pelo Senhor Jesus.²

Charles Spurgeon, em seu sermão sobre a figueira murcha, explica: A figueira sem frutos aparenta superar as demais figueiras. A figueira sem frutos destacava-se dentre as demais. Assim são aqueles que parecem verdadeiros cristãos, mas só têm aparência. São tagarelas na conversa, profundos na especulação teológica, mas são também estéreis.³

Temos de produzir fruto ou estaremos perdidos para sempre. Deve haver frutos em nossos corações e em nossas vidas, o fruto do arrependimento para com Deus, da fé em nosso Senhor Jesus Cristo e da autêntica santidade em conversão. Sem esses frutos, declarar-se cristão servirá tão somente para afundar nossas almas no inferno.⁴

O juízo de Cristo sobre a figueira é um aviso claro que o Senhor perscruta nossa vida nossa vida para ver se tem fruto, fé

genuína, amor verdadeiro e fervor na oração. Se ele não encontrar frutos, não ficará satisfeito.

3. O Messias purifica e liberta (v.15-26)

Por meio desta Palavra, encontramos mais um ensino valioso acerca de Jesus. O Messias vai ao templo e observa tudo (11.11). William Hendriksen diz que nada escapou à sua checagem. Ele captou as impressões que conduziram às ações do dia seguinte. No outro dia, ele volta e faz uma faxina na Casa de Deus, que havia perdido a razão de ser. Os sacerdotes haviam transformado a casa de Deus num mercado. O lucro tinha substituído o relacionamento com Deus.⁵

O que Jesus fez ali foi uma verdadeira limpeza. Marcos descreve a ação de Jesus na limpeza do templo: ele expulsou, derribou e não permitiu que a Casa de Deus fosse um *“covil de ladrões”*. A purificação de Jesus estava além da perspectiva terrena, ele queria purificar o coração, libertar o povo das algemas da hipocrisia, legalismo, profanação bem como de todo pecado

Assim, ao amaldiçoar a figueira e ao purificar o templo, Jesus Cristo está nos ensinando que seu juízo destruirá o que é infrutífero e seu poder libertará e colherá para si judeus e gentios, estabelecendo para si um reino internacional e eterno.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Qual a implicação do juízo e da libertação que Jesus realiza na minha vida?*
- *Tenho cultivado a fé, o amor e a santidade em minha vida ou tenho vivido uma espiritualidade vazia?*
- *Jesus tem encontrado fruto na sua vida? O Pai é glorificado quando produzimos muito fruto (Jo 15.8).*
- *Como posso evitar a hipocrisia e o legalismo em minha vida cristã?*
- *Como posso manter um relacionamento autêntico com Deus e evitar a profanação em minha vida?*

1 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 515.

2 RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Marcos. 2 ed. São José dos Campos: FIEL, 2018. p. 197.

3 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 517.

4 RYLE, J. C. Meditações no Evangelho de Marcos. 2 ed. São José dos Campos: FIEL, 2018. p. 198.

5 LOPES, Hernandes Dias. Marcos: O Evangelho dos Milagres. 2 ed. ampl. e rev. Comentários Expositivos. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 521.





Jesus Cristo, o rei com autoridade (I)

Pr. Fábio de Oliveira Costa



INTRODUÇÃO

A vida e obra de Jesus Cristo sempre foi alvo de questionamentos por parte de líderes e intelectuais incrédulos. Às vezes, os questionadores estão infiltrados na própria igreja de Cristo, conforme o apóstolo João denunciou (cf 1ª Jo 2:19-20). Como veremos hoje no texto do evangelho de Marcos, o próprio Jesus lidou com aqueles que questionavam sua natureza divina. O ponto de embate é a autoridade de Jesus para falar o que vinha ensinando e fazer o que vinha fazendo em termos de sinais, entre outros feitos. Assim como nos tempos de Jesus e dos apóstolos, hoje a igreja segue lidando com opositores à divindade de Jesus Cristo. Por isso, o estudo pretende nos levar a uma reflexão sobre o perfil dos questionadores, o conteúdo do questionamento e a resposta de Cristo dada a eles.

1. Os questionadores (vs. 27)

Quem questionava a autoridade de Jesus eram os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos que representavam as autoridades do templo, do Sinédrio e do povo. Contudo, eles estão rotulados no evangelho de Marcos como *adversários* de Jesus.

- **Eles são líderes religiosos que CONSPIRAM contra a autoridade de Jesus (3.6):** O texto diz: *“Os fariseus saíram dali e, com os herodianos, logo começaram a conspirar contra Jesus, procurando ver como o matariam”*. Interessante que Strong sugere que a palavra *“conspirar”* dá a ideia de um conselho preparando algo, ou seja, um grupo de pessoas buscando e criando meios para preparar questionamentos e acusações que pudessem desqualificar a autoridade de Jesus, sua vida e o seu ministério.

- **Eles são líderes religiosos que ATENTAM contra a autoridade de Jesus (8.11):** O texto diz: *“Os fariseus chegaram e começaram a discutir com Jesus. E, tentando-o, pediram-lhe um sinal vindo do céu”*. Obviamente que a intenção dos fariseus era atentar contra a autoridade de Jesus, construindo provas contra ele. Comentando a passagem, Bratcher e Scholz (2013, p.119) informam que a expressão *um sinal do céu* “trata-se de um milagre para mostrar que o seu poder vinha de Deus”, sendo que os fariseus “queriam uma prova contra ele e, por isso, disseram: faça um milagre para provar que o seu poder vem de Deus”.

- **Eles são líderes religiosos ENDURECIDOS contra a autoridade de Jesus (11.8):** O texto diz: *“E os principais sacerdotes e escribas ouviram isso e procuravam uma maneira de matar Jesus, pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina”*. Adolf Pohl (1998, p. 329) comenta que nesse contexto “a mensagem de Jesus alcança também os mais altos dignitários [...] Eles, porém, não se emendaram, antes se endureceram. Sua posição de respeito não tolerava que fossem tachados de pecadores...” o grupo de líderes citados são os típicos pecadores cujos corações são endurecidos para a mensagem e autoridade de Jesus, isso propositalmente com o interesse pecaminoso de causar prejuízos ao evangelho de Jesus.

- **Eles são líderes religiosos que QUESTIONAM a autoridade de Jesus (11.27,28):** O texto diz: *“Então regressaram para Jerusalém. E enquanto Jesus andava pelo templo, os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos vieram ao seu encontro e lhe perguntaram: Com que autoridade você faz estas coisas? Ou quem lhe deu esta autoridade para fazer isto?”*. Sobre os questionadores da autoridade de Jesus, Adolf Pohl (1998, p. 333) chama a nossa atenção para o que os questionadores **não queriam**: “crer Nele”. O que eles queriam - e conseguiram - era apanhá-lo e acionar os romanos para o crucificar. Isso é típico de pecadores que questionam a autoridade de Jesus, são pessoas indispostas a crer no evangelho, porém, dispostas a perseguir o evangelho.

2. O questionamento (vs.28)

O questionamento foi: *“Com que autoridade você faz estas coisas? Ou quem lhe deu esta autoridade para fazer isto?”*. O significado da palavra *autoridade* no texto é muito importante, pois evidencia que o objetivo dos líderes religiosos era questionar a autoridade de Jesus, assim como é óbvio, no contexto, que os líderes religiosos estavam acusando Jesus “de não ter a devida autoridade para fazer o que havia feito no dia anterior, quando fez uma limpeza no pátio dos gentios. Ele não é sacerdote, não é mestre da Lei, não faz parte da elite de Jerusalém e do Templo;

logo, com que autoridade ele faz essas coisas?” (Bratcher e Scholz, 2013, p.174).

A palavra *autoridade* aqui pode ser analisada pelo menos de duas formas:

- **Primeiro, o SIGNIFICADO do questionamento:** No capítulo 11:28, quando a palavra *autoridade* aparece a primeira vez “*Com que autoridade...*”, se refere ao “poder de autoridade e de direito para realizar certos atos tomar decisões [...] sendo associada com o poder de governar” (Ultimato), e tem como intenção indicar indiretamente a ação de alguém no sentido de buscar beneficiar ou prejudicar algo ou alguém. Quando a palavra aparece a segunda vez “*...quem lhe deu esta autoridade...*”, ela tem a intenção de indicar a ação focando na frequência das ações e quando ações foram realizadas.

- **Segundo, o PESO do questionamento:** Num artigo da revista Ultimato (2008) é possível ver o peso da autoridade divina de Jesus. O texto nos mostra que não basta ter alguém autoridade. Autoridade precisa ser reconhecida e afirmada. Assim ela traz para os crentes a “completa libertação, restauração com Deus, o perdão dos nossos pecados, nada menos que vida abundante, inclusão na intimidade com Deus com filhinhos do próprio Criador” (Jo 1:12, 17:2-3; Ef 1:21; Cl 1:13-14, 2:15). Outra questão importante sobre o peso

da aceitação-não-negação da autoridade divina de Cristo, refere-se ao fato de que a “autoridade de Jesus dá propósito essencialmente missionário para nossas vidas” (Mt 10:1, 28:18-20; At 26:18; Ap 2:26). Diante do bônus da aceitação-não-negação da autoridade divina de Jesus é possível refletir sobre o ônus da não-aceitação-negação da autoridade divina de Jesus, como fizeram os líderes religiosos expostos anteriormente.

3. A resposta ao questionamento (v.29-33)

A hierarquia militar ensina que um exemplo daqueles que sabem exercer sua autoridade está exatamente na capacidade que estes têm de reconhecer a autoridade de alguém. Ou seja, só é capaz de exercer autoridade aquele que consegue reconhecer a autoridade que está diante dos seus olhos. Esse é um ponto fundamental na resposta de Jesus às autoridades que o questionavam.

Com sua autoridade divina ele reconhece a autoridade humana daqueles que o interrogavam. Jesus os tratou como mestres entre o povo, e os interrogou também, dizendo: “*Eu vou fazer uma pergunta a vocês. Respondam, e eu lhes direi com que autoridade faço estas coisas*” (vs.29). Jesus fez uma pergunta que os líderes consideraram inteligente, já que os deixou sem saída: “*O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondam!*” (vs.30). O Dr.

Peterson (1962, p.13,14) diz que ao fazer essa pergunta Jesus colocou os seus acusadores diante de duas possibilidades:

- **Reconhecer que a autoridade de João Batista viera de Deus (vs.31):** em certa medida, João Batista pregou denunciando o pecado desses líderes religiosos (Mt 3:7,8). Portanto, se os acusadores reconhecessem que João Batista tinha autoridade divina para falar e fazer tais coisas, estariam confirmando publicamente os seus pecados denunciados por João, e sobretudo, reconhecendo que Jesus, sendo cumprimento da promessa da pregação de João, também falava e fazia com autoridade divina. Ou seja, estariam reconhecendo publicamente a autoridade divina de Jesus.

- **Negar que a autoridade de João Batista viera de Deus (vs.32):** se os acusadores optassem por essa segunda resposta, estariam colocando todo povo contra eles, uma vez que as multidões reconheciam o ministério de João Batista como vindo da parte de Deus. Por isso, “responderam a Jesus: – Não sabemos” (vs.33). Com essa resposta, os acusadores optaram por mais uma vez não reconhecer a autoridade divina de Jesus, e foram novamente vencidos, na argumentação, pela autoridade e sabedoria de Deus manifesta nas palavras da pessoa de Jesus Cristo (cf. Mt 7:28,29).

CONCLUSÃO

A Bíblia confirma a autoridade de Jesus para ensinar (Mateus 7:29; Mc 11.28; Mt 9.8; Lucas 4:36), curar (Mateus 9:1-13), expulsar demônios (Marcos 3:15) e perdoar pecados (Mateus 9:6; Marcos 2:10). Assim fica demonstrado que, na pessoa de Jesus Cristo, o reinado de Deus prometido está presente, atraindo as pessoas para ele e invocando, na proclamação do seu evangelho, a sua autoridade de Rei e Senhor do Universo. “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.” (Mateus 28:19)

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Você consegue perceber no discurso quais autoridades humanas atestam publicamente que tem um coração endurecido contra a autoridade divina de Jesus Cristo, e por isso tem se mostrado dispostas e prontas para questionar, conspirar e atentar contra autoridade de Cristo? Faça um exercício. Faça uma lista com nome de autoridades, dos mais diversos seguimentos da sociedade, que são pecadores endurecidos, questionadores, conspiradores, e prontos a atacar a autoridade divina de Cristo Jesus.*

- *Você conhece líderes populares, religiosos, intelectuais, políticos, que estudam a obra de Jesus com objetivo de não aceitar a sua autoridade divina? Faça um exercício, pesquise e observe como tais líderes têm feito o mesmo que fizeram alguns sacerdotes, fariseus e anciãos dos tempos de Jesus*

e dos primeiros discípulos. Pergunte-se também acerca do nível de aceitação da autoridade divina de Jesus Cristo em seu coração. Você crê que Jesus Cristo é Deus? Ele é seu Rei? Seu Senhor? Você é submisso ao governo Cristo e satisfaz a vontade dele?

- *Você lembra de algum episódio em que líderes ou mestres foram vencidos pela autoridade e sabedoria da Palavra de Deus? Você se vê com competência bíblica para defender a autoridade divina de Jesus Cristo e da Palavra de Deus frente aos atuais opositores de Cristo, sua Palavra e sua igreja? O que você poderia fazer para se preparar para defender a sua fé segundo 1ª Pedro 3:15; Filipenses 1:7; Tito 1:9; Judas 3?*

POHL, Adolf. O Evangelho de Marcos: Comentário Bíblico Esperança. Curitiba-PR: Esperança.

BRATCHER, R. G.; SCHOLZ, V. Marcos versículo a versículo: Comentários SBB para exegese e tradução. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

PETERSON, H. R. Estudo sobre Marcos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

Ultimato. A autoridade de Jesus. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/timcarriker/files/2008/08/a-autoridade-de-jesus.pdf>





Jesus Cristo, o rei com autoridade (II)

Pr. Fábio de Oliveira Costa



INTRODUÇÃO

No capítulo 12 do Evangelho de Marcos, os líderes de Jerusalém continuam espionando a obra de Jesus e provocando discursos que possam incriminá-lo. Jesus, com sabedoria divina, continua levando tais líderes a verdades que não imaginavam e não desejavam ouvir da parte de Deus na pessoa de Jesus. Nos versos 1 a 17, Marcos fala da autoridade do Rei Jesus a partir de dois elementos peculiares aos fariseus e herodianos, a saber, a *vinha* (parábola dos lavradores maus) e a *moeda* (tributos exigidos pelo império romano).

1. A autoridade de Jesus na cenografia da vinha (v.1-12)

Na parábola dos lavradores maus Jesus continua falando aos principais sacerdotes, fariseus e anciãos sobre a autoridade divina que está sobre ele. Ele fala sobre o dono da vinha (Deus), a vinha

(Israel), os lavradores (os líderes religiosos de Jerusalém), os servos enviados sob a autoridade do dono da vinha (os profetas) e o filho do dono da vinha (Jesus). A reflexão será feita a partir desses personagens que compõem a parábola.

a) O dono da vinha (Deus).

O texto fala de um investimento do dono em iniciar e prover os devidos cuidados para com a sua a vinha. O dono plantou, cercou, construiu, edificou e comissionou servos para cuidarem dela. Obviamente que os líderes de Jerusalém ao ouvirem essa parábola lembrariam do profeta Isaias 5:1-7 comparando Israel com uma vinha, dizendo: *"...a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta preferida do Senhor. Este esperava retidão, mas eis aí opressão; esperava justiça, mas eis aí clamor por causa da injustiça..."* (vs.7)

Observe que a vinha é o povo eleito, e é do Senhor. Deus deu origem e vida a essa vinha, ou seja, ao seu povo escolhido. Israel é colocada por Isaías como a planta preferida do Senhor que a amou com sua soberana escolha, sua graça salvadora, seu governo justo e cuidados pastorais. Mas a vinha não deu os frutos esperados pelo seu dono, Isaías diz que o Senhor esperava retidão e justiça, mas recebeu opressão e injustiça (vs.7), e no versículo 4 o profeta coloca a voz do Senhor dizendo: *“Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu não lhe tenha feito? E como, esperando eu que desse uvas boas, veio a produzir uvas bravas?”*

Certamente Deus esperava muitos bons frutos de Israel – seu povo escolhido, mas podemos concluir de imediato que a nação escolhida rejeitou o evidente e perfeito amor do Senhor, aborrecendo-o com os frutos de suas vidas. Jesus com plena autoridade divina diz essa verdade aos falsos líderes espirituais do povo – líderes de Jerusalém.

b) Os lavradores (os líderes de Israel).

O dono da vinha, depois de organizar tudo, deixou lavradores para cuidarem dela. No versículo 2, Jesus disse que o dono da vinha enviou servos em seu nome para colher os resultados – os frutos. Hendriksen (2003, p.598) informa

que ao comissionar os servos para buscar a parte que lhe era devida o dono da vinha “estava transferindo a sua autoridade de senhor”.

O texto diz que vários servos enviados com a autoridade do senhor - o dono da vinha - encontraram resistência e foram atacados pelos lavradores, sendo alguns espancados e outros mortos por eles (v.2-5). Aqui Jesus está entregando nas mãos dos líderes de Jerusalém o histórico deles em relação à rejeição e insubordinação, denunciando a não aceitação da autoridade de Deus evidente nos servos (certamente os profetas antes de Cristo) que foram enviados por ele. Hendriksen (2003, p.598) mais uma vez nos ajuda e diz que “normalmente nós esperaríamos uma resposta mais dura por parte do proprietário”. No entanto, o dono foi misericordioso e deu aos lavradores várias oportunidades de se submeterem e cumprirem com os seus deveres para com a autoridade sobre eles.

Dentre os muitos atos de misericórdia de Deus está o ato supremo de amor e graça com o envio do próprio filho. O texto descreve o filho enviado como “filho amado” (vs.6). Hendriksen (2003, p.598) lembra que todos os servos representavam a autoridade do dono sobre a vinha e os lavradores, mas o filho do dono é mais forte, pois é a manifestação suprema da autoridade do Pai. O Dr. Peterson

diz que “o filho do proprietário da vinha é o libertador prometido – o próprio Cristo”. Peterson diz ainda que “os pormenores desta parábola eram muito claros para os chefes religiosos”.

Os líderes religiosos sabiam que Jesus era o Cristo, ao menos, sabiam que era sobre isso que Jesus estava falando em suas pregações. Jesus disse que nele as Escrituras se cumpriram: *“você ainda não leram este trecho da Escritura: ‘A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a pedra angular’”* (vs.10). Jesus perguntou aos líderes religiosos: *“Isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?”* (vs.11). Mas a resposta dos líderes é novamente trágica, eles rejeitaram outra vez a autoridade divina de Jesus, rejeitando-o como Cristo, o Messias, enviado por Deus: *“E procuravam prender Jesus, porque entenderam que ele havia contado essa parábola contra eles; mas temiam o povo. Então eles o deixaram e foram embora”* (vs.12).

Os lavradores (escribas, principais sacerdotes, anciãos) entenderem a parábola, viram a autoridade de Deus em Cristo. Porém, como pecadores incapazes de buscar a Deus, continuaram insubordinados, questionando e procurando meios para atentar contra a autoridade de Jesus Cristo.

2. A autoridade de Jesus na cenografia da moeda (v.13-17)

Novamente Jesus é questionado pelos líderes de Jerusalém (vs.13). Desta vez o questionamento foi: *“Mestre, segundo a verdade de Deus, é lícito pagar imposto a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?”* (vs.14). O objetivo dos fariseus e herodianos não era elogiar Jesus, reconhecê-lo como senhor e mestre da verdade e do caminho de Deus (cf. vs.14). Na verdade, esses líderes queriam apanhá-lo em alguma palavra que os permitissem denunciá-lo, prendê-lo e matá-lo. No entanto, novamente, eles foram surpreendidos com a sabedoria divina de Jesus que, mais uma vez, reivindicou a autoridade de Deus sobre si.

a) A autoridade de César

Jesus não caiu na cilada dos escribas e herodianos. Eles esperavam que a autoridade de César fosse questionada, rejeitada, e assim afrontada por Jesus. Se isso acontecesse, eles teriam motivos para acusar Jesus perante os governantes do império Romano. Sobre essa tentativa, o professor Craic Keener (2004, p.176) informa que, se publicamente, Jesus assumisse as características dos zelotes, que reivindicavam “não rei, mas Deus”, ele seria preso. Por outro lado, se Jesus rejeitasse o ponto de vista popular dos

zelotes, corria o risco de perder seus seguidores, pois entraria em choque com o povo.

A resposta de Jesus veio após ele pedir que trouxessem uma moeda romana e perguntar aos seus questionadores: *“De quem é esta figura e esta inscrição? Eles responderam: De César”* (v.16). Diante disso, Jesus respondeu que quem usava a moeda de César devia pagar o que o “soberano terreno” exigia. Como diz o Dr. Peterson (p.116), mais uma vez “Jesus se mostrou senhor de todas as situações”.

Nas palavras de Jesus, é correto dar ao Estado o que lhe é devido. No último encontro nacional de líderes da AICEB (21-23/05/2025), durante a discussão sobre a autoridade humana constituída por Deus, as falas contemplaram a verdade de que todos os cristãos devem pagar os impostos ao Estado brasileiro, sendo que os pastores devem ser exemplo nisso, declarando o seus impostos de renda e pagando os tributos ao Estado. Foi exatamente essa a resposta do mestre e senhor Jesus aos líderes religiosos que o cercavam com armadilhas intelectuais, políticas e ideológicas.

b) A autoridade de Deus

Na resposta de Jesus em relação à autoridade terrena de César, a autoridade celeste,

suprema e universal de Deus é novamente invocada por ele. Fazendo o devido uso da sua autoridade divina, Jesus, ao dizer *“deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”* (vs.17), consegue de modo satisfatório delimitar a natureza da autoridade de César, e assim manifestar a natureza da autoridade de Deus. A resposta de Jesus é admirável pois ele, chega no ponto do seu interesse ao dizer *“dai tudo que é de César e tudo que é de Deus”*. A resposta de Jesus não se limita aos impostos, mas se refere a tudo que era devido a César, e o mesmo entendimento recai sobre os deveres para com Deus.

Essa resposta parece provocativa aos escribas que entendiam Deus como um ser distante e que “a relação com o divino se esgotava no cumprimento da lei” (Adolf Pohl, 1998, p.242). Jesus confronta os líderes religiosos, invocando-os a “devolverem a Deus sua condição de Deus em suas vidas”. Isso foi necessário devido à resistência e questionamento à autoridade de Deus manifestados nos ataques aos profetas e ao seu filho amado (na parábola da vinha).

Essa resposta de Jesus foi satisfatória, suficiente. Isso pode ser visto na parte que descreve o resultado nos ouvintes: *“e muito se admiraram dele”* (vs.17). A palavra *“admiraram”* indica que os ouvintes ficaram surpresos e impressionados

com a sabedoria e autoridade divina de Jesus Cristo. Segundo o Dr. Peterson (1962, p.116) o mínimo que os líderes religiosos deveriam concluir seria que César correspondia à autoridade terrena (humana), e Cristo à autoridade celeste (divina).

CONCLUSÃO

A autoridade de Jesus é muito clara. Por isso, restam duas alternativas aos que estiverem diante do Rei: continuar como admiradores incrédulos, e assim, perdidos nos desígnios do seu próprio coração, ou admirar a divindade do Rei Jesus, com arrependimento e confissão dos pecados àquele que tem autoridade de Deus perdoar aos pecadores e e transformá-los. Diante disso, a igreja, sob a autoridade do Rei Jesus deve ir e pregar sobre ele para os perdidos em cada parte do mundo (Mc 16:5). Estou certo de que o evangelho é a cenografia suficiente para que todos compreendam e muitos creiam em Cristo como seu Rei, Salvador e Senhor. Estou certo também de que o evangelho é suficiente para fazer todos aqueles que creem darem a Deus tudo que lhe é devido em submissão, e fazer o mesmo em relação ao Estado.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

• *A autoridade divina de Jesus é clara para você? Você tem alguma dificuldade em reconhecer que Jesus é o Messias, o Cristo, o Filho amado de Deus? Você já se viu tão cego espiritualmente, como os líderes religiosos da parábola?*

• *Você concorda com o ensinamento da cena da vinha, evidenciando que Deus enviou seu Filho amado, atestando a autoridade divina de Jesus como Rei, o dono de tudo? Você consegue distinguir entre a autoridade estatal e autoridade de Deus sobre a sua vida? Desafio você a pegar um papel e descrever (à luz da Bíblia) os seus deveres para com o Estado e para com Deus-Cristo e sua igreja.*

Adolf Pohl. Evangelho de Marcos: comentário esperança. Curitiba-PR: Editora Evangélica Esperança, 1998.

Keener, Craig S. Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento. Belo Horizonte: Atos, 2004.

Hugh R. Peterson. Estudo sobre Marcos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

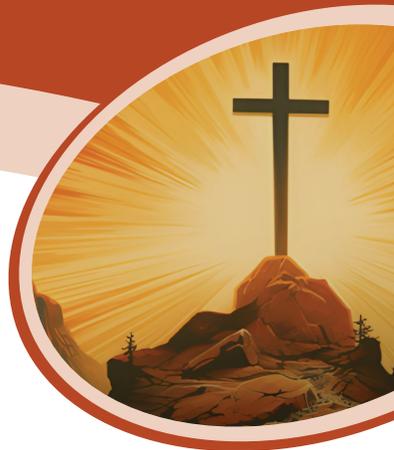
Willian Hendriksen. Comentário do Novo Testamento: exposição do evangelho de Marcos. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2003.





Falsa e verdadeira religião (I)

Pr. Samuel Marques Campos



INTRODUÇÃO

Esta é a primeira de três lições sobre a falsa e a verdadeira religião. Ela baseia-se no Evangelho de Jesus segundo João Marcos (At 15.37; Cl 4.10; 1ªPe 5.13). Possivelmente, “[...] Marcos escreveu seu Evangelho para os cristãos romanos no período de grande perseguição na capital do Império por volta de 64 d.C.”¹

O texto de Marcos 12.18-27 expõe uma tentativa dos saduceus, uma seita judaica que rivalizava com os fariseus, de ridicularizar Jesus. No entanto, na resposta de Cristo, aprendemos as diferenças entre a verdadeira e a falsa religião. O que está em jogo é a forma como se enxerga a Bíblia e a sua importância para a nossa vida.

1. A falsa religião usa as Escrituras de maneira errada (v.18-23)

O texto apresenta os saduceus indagando a Cristo. Eles eram um dos partidos do judaísmo da época de Jesus, composto pela aristocracia sacerdotal. Os sumos sacerdotes pertenciam a esse grupo. De acordo com Cole, os saduceus “[...] controlavam tanto o templo como o Sinédrio”, que era o supremo tribunal judaico. Também eram “[...] duros, materialistas e, com frequência, ricos”.²

Diferente dos fariseus, os saduceus aceitavam como livros inspirados por Deus “[...] apenas o Pentateuco e [negavam] as tradições orais, a ressurreição e a existência de anjos e espíritos (At 23.6-8). Eles se [sentiam] ameaçados pelas ações de Jesus no Templo, pois o poder deles e a manutenção de sua riqueza dependiam do Templo”.³

Assim, os saduceus criaram uma situação embaraçosa para tentar envergonhar a Cristo, pois

o Senhor cria na ressurreição. A narrativa criada, possivelmente, foi inspirada numa tradição judaica (livro de Tobias) em que sete maridos de uma judia piedosa, chamada de Sara, morrem um seguido do outro.⁴

Os saduceus criaram uma situação em torno da lei do levirato que obrigava o homem a se casar com a viúva do irmão falecido sem ter tido filhos, com o objetivo de que sua descendência não desaparecesse (cf. Dt 25.5-6). No relato criado, uma mulher se casou sete vezes com sete irmãos e, no final, não teve filhos com nenhum deles. Então, a viúva morreu. No fim, eles perguntaram a Cristo: *“Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram”* (vs.23).

Aqui os saduceus retratam uma abordagem diferente da que está nas Escrituras. A motivação deles era ridicularizar a doutrina bíblica da ressurreição, os fariseus e a Jesus. Eles procuraram zombar da “[...] noção popular de que as condições presentes, tais como o matrimônio, continuarão numa forma aperfeiçoada na vida pós-morte.”⁵

Percebemos que a falsa religião possui motivação errada diante de Deus, e diante da Bíblia, pois procura usar as Escrituras de maneira equivocada para endossar

falsos ensinamentos. Ou seja, as crenças oriundas da natureza pecaminosa estão acima da Bíblia. Essa é uma das marcas da falsa religião.

2. A falsa religião parte de pressupostos errados (v.24-25)

Após escutar a indagação dos saduceus e perceber a malícia da situação criada, Jesus começa lidando com o falso pressuposto dos saduceus.⁶ Mesmo que o sumo sacerdote fosse desse grupo e tivesse proeminência no Sinédrio, era um saduceu, cujo erro era não conhecer as Escrituras, nem o poder de Deus (cf. vs.24).

Eles conheciam a lei do levirato, as regras religiosas do templo e as do Sinédrio, mas eram profundamente materialistas. Eles partiam do pressuposto de que a vida se resumia apenas a este mundo. Assim, “Jesus aniquilou todo o argumento ao rejeitar as ideias materialistas grosseiras da ressurreição”.⁷ Eles eram incapazes de enxergar que a vida não se resume a este mundo e que os Escritos de Moisés defendem, sim, uma existência pós-morte e a ressurreição, coisa que os saduceus não conseguiam enxergar

A falsa religião parte de pressupostos materialistas e anticristãos. Os cegos e mortos espirituais não conseguem entender as Escrituras, pois, como o apóstolo Paulo nos ensina, “[...]”

o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1ª Co 2.14).

A falsa religião regozija-se em ser ritualística e deste mundo. Ela é marcada por pessoas não regeneradas que não aceitam a Palavra de Deus e, como consequência, não conseguem entender o poder de Deus.

3. A verdadeira religião confia nas Escrituras e a interpreta corretamente (v.26-27)

A resposta de Jesus exhibe a forma correta de lidar com as Escrituras e evidencia as marcas da religião verdadeira. Em resposta aos saduceus, Cristo cita o relato do chamado de Deus a Moisés na sarça ardente (cf. Êx 3.1-16). Como eram materialistas e liam as Escrituras apenas de forma a fomentar seu poder e visão humanista, Cristo mostra que conheciam superficialmente a Bíblia e interpretavam-na equivocadamente, não enxergando que no próprio Pentateuco a existência pós-morte e a ressurreição são ensinadas.

No relato da sarça ardente Deus identifica-se como “[...] *Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó*” (vs. 26; Êx 3.6). Quando Deus havia se revelado a Moisés, os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó já haviam morrido três séculos atrás.

“Com base nos livros de Moisés, que eram reconhecidos pelos saduceus, Jesus mostrou-lhes que a ideia da ressurreição poderia ser comprovada com base na relação dos patriarcas com o Deus vivo. Eles “encontraram” a vida eterna em Deus, como nós encontramos em Cristo hoje, mas é um novo tipo de vida, demonstrando o poder de Deus”.⁸

Assim, fica provado pela própria “Bíblia dos saduceus”, o Pentateuco, que eles estavam errados. Deus não disse a Moisés que foi, um dia, o Deus dos Patriarcas. Mas que ele ainda era o Deus deles. Assim, Cristo conclui: “*Ora, Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Laborais em grande erro.*” (vs. 27). Assim, “Deus quis dizer que a passagem do seu povo desta vida não quebrou sua relação com ele. Eles estavam vivos nos dias de Moisés; e ainda estão vivos com Deus (cf. Lc 23.43; 16.19-31). Deus não esqueceu de sua relação com eles; e continua cuidando deles. Podemos estar confiantes de que Deus também ressuscitará seus corpos, e que eles e o restante dos justos do Antigo Testamento habitarão para sempre com ele”.⁹

Apesar de a morte ser consequência do pecado, Jesus nos ensina que a morte não é o fim e que a ressurreição dos justos é a garantia de que o relacionamento de Deus com o seu povo prossegue além desta vida. A vida eterna

inicia-se neste mundo, avança em outro nível após a morte e tem o seu ápice na ressurreição (cf. Jo 5.24; 1ª Co 15.44). Aleluia!

CONCLUSÃO

Aprendemos que a falsa religião tem uma visão distorcida das Escrituras. Assim como os saduceus, “Eles usam a Bíblia para defender suas ideias, em vez de submeterem seus pensamentos e conceitos à autoridade da palavra de Deus”.¹⁰

Os saduceus diziam conhecer as Escrituras, mas erraram não conhecendo o ensino de Moisés. Quem não foi alcançado pela graça possui visões equivocadas sobre Deus e sobre a Bíblia. Mas, na religião verdadeira, os crentes regenerados amam a Palavra de Deus, submetem-se aos seus doces ensinamentos e confiam que a Bíblia é “Lâmpada para os meus pés [...] e, luz para os meus caminhos” (Sl 119.105).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Dê exemplos de como a falsa religião pode distorcer a Palavra de Deus.*
- *Como é possível para nós, crentes, usar as Escrituras para defender nossos interesses? Explique.*
- *Qual a sua postura perante a Bíblia quando você a lê durante o devocional diário? Reflita sinceramente diante de Deus.*

- *Como podemos interpretar corretamente as Escrituras, evitando entendê-las erradamente?*

2, 7, 8 - COLE, Alan. Marcos. In: WENHAM, G.J.; MOTYER, J.A.; CARSON, D.A. et al. Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno: Nuevo Testamento. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM (Biblioteca Electrónica Mundo Hispano: Comentario). p. 168-169.

1, 4 - KEENER, Craig S. Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento. São Paulo, Vida Nova, 2017. p.142, 183.

3, 5, 6, 9, 10 - MULHOLLAND, Dewey M. Marcos: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Série Cultura Bíblica). p. 185-186.





Falsa e verdadeira religião (II)

Pr. Samuel Marques Campos



INTRODUÇÃO

Ao contemplar a resposta contundente que Jesus havia dado aos fariseus e herodianos sobre a questão do tributo (Mc 12.13-17), inclusive, como respondeu sabiamente aos saduceus acerca da ressurreição (Mc 12.18-27), um escriba, “um perito da lei judaica, um professor ou intérprete da lei”¹, tocou numa questão crucial: “Qual é o principal de todos os mandamentos?” (vs. 28). Para Mulholland, “Eles desconfiam da fidelidade de Jesus à Lei, a primeira e maior marca do Judaísmo”². Essa questão é tratada por Jesus e lança luz sobre a diferença entre a verdadeira e a falsa religião.

1. A verdadeira religião destaca o que é central para agradar a Deus (v.28-31)

Os mestres da lei ensinavam que era necessário guardar 613 mandamentos. Mas, qual é o maior

mandamento da Lei de Deus? De acordo com Mulholland “Aos olhos da maioria dos mestres da Lei, porém, há pouco para se aprender dos leigos, especialmente de alguém como Jesus que está interpretando a Lei contrariamente às suas tradições. [...] Ao perguntar sobre o mandamento mais importante, exigem que Jesus defina o mandamento que explica todos os outros”.³

Sabiamente, Jesus recorre ao ensino principal a respeito do que é agradável a Deus. Ele cita o texto de Deuteronômio 6.3-5 e assevera que o primeiro mandamento é “[...] *Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força*” (v.29-30).

Cristo recorre à oração famosa do *shemá* (Ouve), uma confissão

de que há apenas um único Deus. Ele deve ser amado com todas as forças e com todo o ser. E o segundo mandamento é: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* (vs.31).

Essa parte Cristo finalizou: *“Não há outro mandamento maior do que estes”* (vs.31). O Senhor nos ensina que se amarmos a Deus com toda a nossa devoção e a nosso próximo, honraremos nossos pais, não seremos assassinos, nem adúlteros, nem ladrões, nem mentirosos. tampouco cobiçaremos nada do próximo, ou seja, guardaremos toda Lei, o Decálogo (cf. Êx 20.1-11).

Cristo ensina que a religião que agrada a Deus pode ser resumida pelo amor genuíno. Os cristãos verdadeiros procuram agradecer a Deus em primeiro lugar e evidenciam essa transformação no tratamento que dão ao próximo.

2. A falsa religião pode até conhecer as Escrituras na teoria (v.32-33)

Possivelmente impactado pela resposta, o escriba reconhece: *“Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele”* (vs.32). Aqui o intérprete reconhece que Deus é o único Deus. Então, prossegue acerca do segundo mandamento *“[...] amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos*

e sacrificios” (vs.33). Aqui parece que o mestre faz alusão a Oséias 6.6: *“Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos”*

De acordo com Cole, *“Embora aquele mestre concordasse que tudo isso era verdade e, portanto, estava muito próximo do reino de Deus, ainda não pertencia a ele, pois não havia reconhecido Jesus como rei. Será que ele finalmente faria isso?”*.⁴

Assim, percebemos que a falsa religião pode até conhecer teoricamente as Escrituras ou mesmo reconhecer verdades bíblicas. Mas, de nada adianta saber intelectualmente doutrinas sem que haja vida transformada por Deus. Não adianta teoria em vida que agrada a Deus. Não importa luz na mente, mas morte espiritual nas ações.

3. A falsa religião não conhece o poder de Deus para fazer a sua vontade (vs.34)

Após o escriba reconhecer a sábia verdade da resposta de Cristo sobre os dois maiores mandamentos das Escrituras, Jesus responde: *“Não estás longe do reino de Deus”* (vs.34).

Jesus reconhece que aquele mestre não pertencia ao Reino de Deus, pois ele não havia sido transformado pelo Espírito Santo, portanto, não era cidadão do reino

de Deus. No entanto, Cristo reconhece que ele não estava longe desse reino.

Aquele escriba sabia que, somente aqueles que cumprem perfeitamente a lei de Deus, podem ser salvos. Ele conhecia a verdade, por isso não estava longe do reino de Deus. O fato é que ele não tinha o poder de Deus para cumprir a vontade divina. O escriba não sabia que para agradar a Deus é necessário nascer de novo (cf. Jo 3.7).

Para Mulholland, “Em contraste com os Saduceus que estavam se afastando das Escrituras e do poder de Deus (12.24), esse escriba está se aproximando do reino de Deus. Será que ele seguirá a Jesus?”⁵

Marcos finaliza informando que “E já ninguém mais ousava interrogá-lo”. Parece que todos os que fizeram perguntas a Jesus não queriam realmente saber a verdade, apenas desejavam experimentar Jesus para apanhá-lo em alguma contradição.

A falsa religião é humana, rejeita a Cristo e não segue os valores eternos do Reino de Deus. Procura usar as Escrituras em benefício próprio,, sem clamar a Deus por misericórdia e querer conhecê-lo de verdade.

CONCLUSÃO

A falsa religião confia nos es-

forços humanos para obter a salvação. É antropocêntrica e humanista. Quem assim pensa engana-se a si mesmo. Apenas quem foi regenerado pelo Espírito Santo pode agradar a Deus “*Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus.*” (1ª Jo 3.9). Dessa forma, apenas quem foi alcançado pela graça de Deus tem o poder de lutar contra o pecado e fazer a vontade do Senhor.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *Por que a idolatria ofende muito a Deus?*
- *O que significa, na prática, amar a Deus e amar ao próximo?*
- *É possível o ser humano guardar perfeitamente a Lei de Deus? Justifique.*
- *Como o ser humano consegue agradar a Deus? Reflita.*

4 COLE, Alan. Marcos. In: WENHAM, G.J.; MOTYER, J.A.; CARSON, D.A. et al. Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno: Nuevo Testamento. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM (Biblioteca Electrónica Mundo Hispano: Comentario). p. 169.

1 MOUNCE, William D. Léxico Analítico do Novo Testamento Grego. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 159.

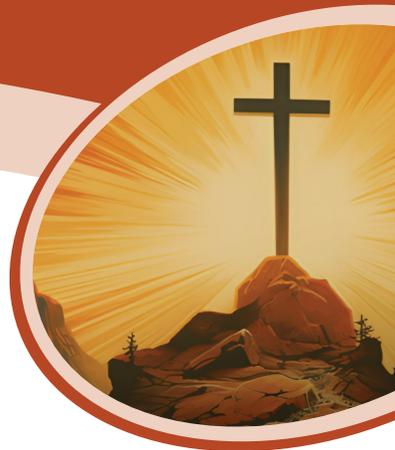
2, 3, 5 MULHOLLAND, Dewey M. Marcos: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Série Cultura Bíblica). p.187-188





Falsa e verdadeira religião (III)

Pr. Samuel Marques Campos



INTRODUÇÃO

Nessa passagem das Escrituras, Jesus está ensinando no templo. São três momentos destacados pelo evangelista Marcos que possuem três valiosas verdades ditas pelo Senhor que mostram a diferença entre a verdadeira e a falsa religião. Questões como a identidade de Jesus, a aplicação da Palavra de Deus no dia a dia e a nossa motivação diante de Deus são questões abordadas nessas narrativas.

1. A verdadeira religião ensina quem é o verdadeiro Jesus (v.35-37)

Depois de os herodianos, os fariseus, os saduceus e um escriba indagarem a Cristo, tentando achar uma oportunidade de condená-lo, agora é a vez de Jesus fazer perguntas. Ele está no templo e perguntou: *“Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?”* (vs.35).

A questão girava em torno da identidade de Jesus: Quem ele era? Os escribas, que eram mestres da lei, ensinavam que o Messias seria rei e descendente de Davi. Os judeus “[...] estavam esperando pelo Messias, um rei da linhagem de Davi, para restaurar o reino terrestre.”¹

Aqui, Jesus cita Salmos 110.1 que foi escrito pelo rei Davi. O texto afirma: *“Disse o SENHOR ao meu Senhor”*. Na tradução bíblica ARA de João Ferreira de Almeida, a primeira palavra “SENHOR” é a tradução do nome de Deus, *Yahweh*, comumente conhecido como “Jeová”. A segunda palavra “Senhor” é a tradução do hebraico *Adonai*, outro termo para Deus.²

O versículo prossegue: *“Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”*. Aqui o Senhor Deus fala ao Messias. Este é, de Davi, o “meu

Senhor”, ou seja, o Cristo é o Senhor e Deus de Davi. Também o Cristo se assentaria à destra de Deus, indicando sua posição de destaque e sua divindade.

Jesus ensina que neste salmo messiânico o Messias é o Senhor de Davi e que reinará até que todos os inimigos de Deus sejam plenamente derrotados. Cole discorre “Como, então, poderia Davi, o reverenciado ancestral, chamar seu descendente, o Messias, de “meu Senhor”, dando-lhe assim uma posição superior? Qualquer pessoa que venha de uma cultura que reverencia seus antepassados verá esse detalhe imediatamente. Seria inconcebível, a menos que este Messias fosse mais que humano e, portanto, superior ao seu ancestral.”³

Aqui fica claro que Jesus reitera que é o Messias prometido, o Deus encarnado que está acima de Davi. Aprendemos que a verdadeira religião reconhece a divindade de Cristo, enquanto que as falsas consideram-no apenas como um simples mestre ou guru. No entanto, a verdadeira religião reitera o verdadeiro Jesus, como aquele que veio em carne e habitou entre nós, sendo verdadeiro homem e verdadeiro Deus (cf. Jo 1.1,14,18). Esse é o Jesus que devemos pregar, o verdadeiro Salvador!

2. A falsa religião é hipócrita (v.38-40)

Ainda ensinando no templo, Cristo denuncia a hipocrisia dos escribas que ensinavam a Palavra de Deus, mas não a aplicavam em seu dia a dia. Jesus ensina que os escribas gostavam de proeminência e de bajulação: “*Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e das saudações nas praças; e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes*” (vs.38,39).

As vestes talares eram uma “[...] capa de honra, o distintivo dos estudiosos ou dos oficiais”.⁴ Os escribas vestiam-se com pompa, amavam receber saudações nas praças e assentavam-se nos lugares de honra. Eram estimados e admirados. As pessoas mostravam reverência, mas eles exibiam uma falsa santidade.

Jesus desmascara a hipocrisia dos escribas, afirmando que a santidade exibida era apenas de aparência. Apesar da devoção externa, eles devoravam “[...] as casas das viúvas e, para o justificar, [faziam] longas orações” (vs.40). De acordo com Cole “Eles faziam uma demonstração externa de religião, mas ‘engoliam’ a propriedade de pessoas indefesas, como as viúvas, talvez exigindo continuamente contribuições religiosas para si próprios”.⁵

Kenner escancara a grande maldade e hipocrisia deles, “É possível que Jesus esteja dizendo que esses mestres exploram os recursos das viúvas ao abusar da letra da Lei nas decisões legais (em vez de demonstrar misericórdia especial para com os pobres), favorecer os parentes mais ricos ou buscar enormes contribuições financeiras”.⁶

Para tentar se justificar da sua brutal injustiça e perversidade, os escribas faziam longas orações esquecendo-se do que Deus requer “[...] misericórdia [...] e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6.6).

Após expor a hipocrisia dos escribas e desmascará-los em sua falsa piedade, Jesus proclama o juízo inevitável: *“estes sofrerão juízo muito mais severo”* (vs.40). Como eles eram mestres da Lei e tinham grande conhecimento das Escrituras, também tinham grande responsabilidade diante de Deus. Sobre esse assunto, Tiago alerta: *“Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo”* (Tg 3.1). De acordo com Mullholland, *“Como se poderia esperar, a falta de santidade dos mais altos oficiais também se reproduzia entre os subordinados”*.⁷ Que tamanha responsabilidade os escribas tinham diante de Deus!

Após identificar-se como o

Messias Divino que está acima de Davi, Jesus aponta que a verdadeira religião está intimamente ligada a um coração transformado que evidencia essa mudança nas atitudes do cotidiano. Por mais respeitáveis que os doutores da Lei fossem diante dos homens, a religião deles era falsa, pois eram devotos apenas de aparência, pecavam descaradamente, entristecendo a Deus que vê os corações e as intenções mais íntimas.

3. A verdadeira religião é marcada pela entrega total a Deus (v.41-44)

Ainda no ambiente do templo, Jesus estava assentado diante do gazofilácio (vs.41) que era *“Provavelmente uma referência às treze caixas com formato de trombeta colocadas em intervalos em volta das paredes do átrio das mulheres no templo herodiano”*.⁸ Nessas caixas eram depositadas as ofertas. Na cena retratada, *“muitos ricos depositavam grandes quantias”* (vs.41).

Em seguida, *“uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante”* (vs.42). A palavra *“pobre”*, utilizada no original, é muito forte, indicando que a viúva era *“alguém que tem literalmente nada e que está em perigo iminente de morrer de fome”*. Ela depositou duas moedinhas conhecidas como *lepton* que era *“[...] uma moeda romana de*

valor aproximado a um quarto de um centavo”.⁹

Aqui vemos um contraste. Se por um lado, muitos ricos estavam depositando quantias exorbitantes e ostentando a quantidade de dinheiro ofertada, por outro, havia uma viúva muito pobre depositando duas moedas de ínfimos valores. Então, Jesus dá o veredito: *“Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento”* (v.43-44). De acordo com Cole, Jesus qualifica “[...] o sacrifício como grande ou pequeno não pela quantia dada, mas pela quantia retida para nós mesmos.”¹⁰

O que chamou a atenção do Senhor foi sua pequena oferta demonstrar seu amor a Deus e confiança no Senhor. Ela tinha certeza de que ele era seu provedor que continuaria cuidando dela.

Cristo ensina que Deus considera as nossas intenções diante dele. A verdadeira religião é marcada por adoradores sinceros que amam a Deus e se entregam totalmente ao Senhor, buscando agradá-lo de todo o coração, evidenciando isso em gestos amorosos.

CONCLUSÃO

A narrativa de João Marcos apresenta três momentos em que Jesus ensina o povo no templo. Esses ensinamentos são preciosos para entendermos a verdadeira religião em contraposição à falsa. Aprendemos que a verdadeira religião enfatiza a verdadeira identidade de Jesus, pois infelizmente vivemos dias em que o Cristo anunciado não é o ensinado nas Escrituras.

Também o Senhor nos ensinou que a verdadeira religião é genuína. Ela combina palavras com ações que evidenciam verdadeira transformação. Caso contrário, trata-se de uma religião falsa, hipócrita, de aparência, mas não de essência.

Por fim, Jesus enfatiza que Deus não vê como o homem vê (cf. 1º Sm 16.7). Para Deus não importa o esplendor das nossas roupas, o prestígio social, os aplausos do mundo ou o tamanho dos nossos dízimos e das nossas ofertas. Deus está mais interessado na nossa obediência, em nossas motivações e em sermos servos de Deus genuínos, que procuram amar e agradar a Deus de todo o coração, sem hipocrisia, nem falsidade. Mas de verdade!

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

- *É mais importante o que fazemos ou a forma como fazemos para Deus?*
- *Qual a sua motivação diante do Senhor no momento em que entrega seu dízimo e oferta?*
- *Quais características você poderia destacar de um adorador que agrada a Deus genuinamente?*

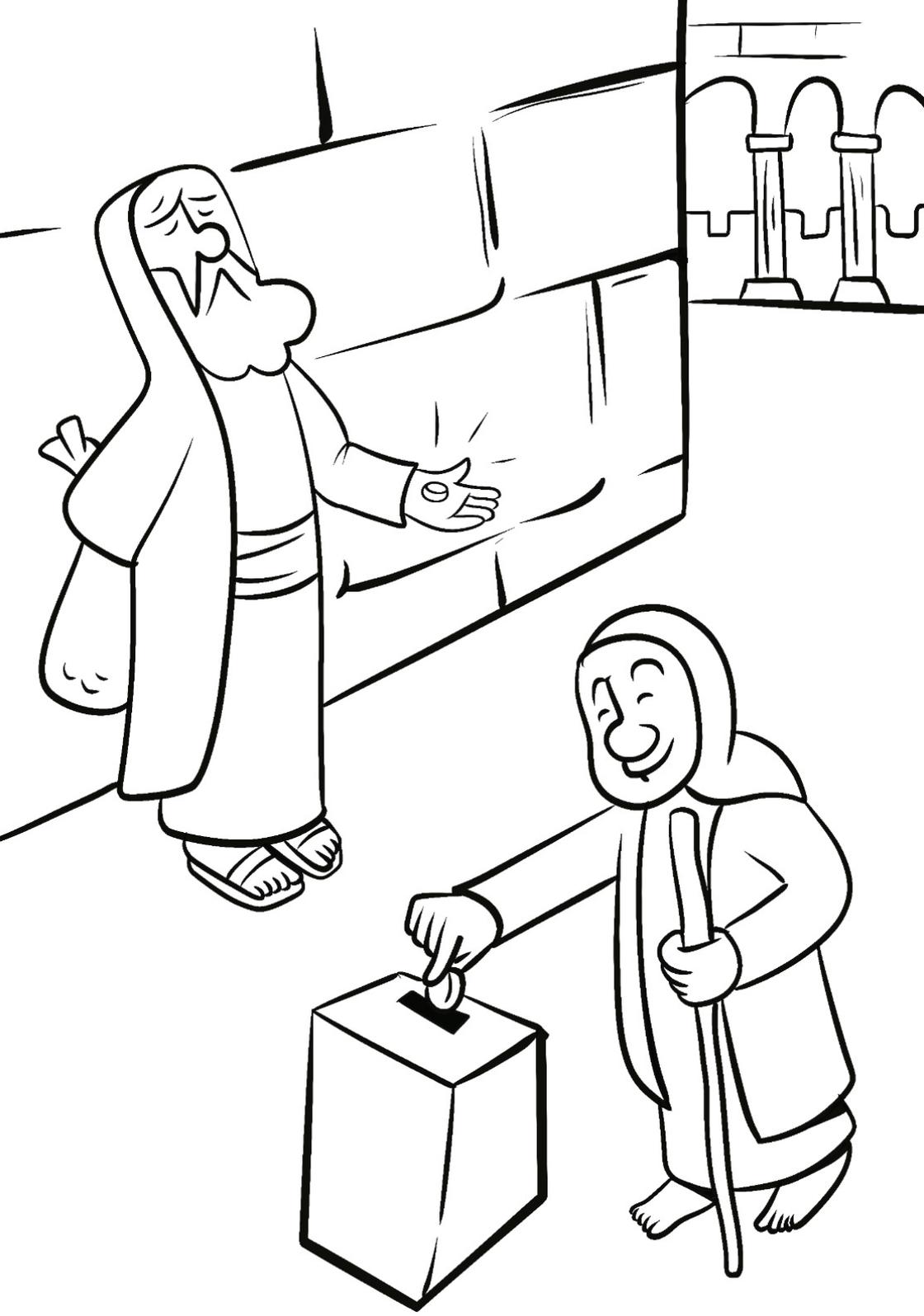
1, 3, 5 COLE, Alan. Marcos. In: WENHAM, G.J.; MOTYER, J.A.; CARSON, D.A. et al. Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno: Nuevo Testamento. El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 2003. 1 CD-ROM (Biblioteca Electrónica Mundo Hispano: Comentario). p. 169-170.

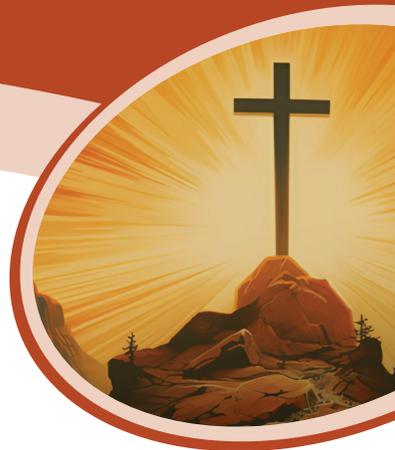
6 KEENER, C. S. Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento. São Paulo, Vida Nova, 2017. p. 185.

2, 7, 10 MULHOLLAND, Dewey M. Marcos: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999. (Série Cultura Bíblica). p. 190, 192, 193.

MOUNCE, W. D. Léxico Analítico do Novo Testamento Grego. São Paulo: Vida Nova, 2013.







O retorno do Rei e a perseverança dos santos

Pr. Frankylande Mendes Sobral

INTRODUÇÃO

O discurso profético de Jesus, registrado nos três evangelhos sinóticos (Mateus 24; Marcos 13 e Lucas 21) é um dos trechos mais complexos de toda a Escritura. Estaria Jesus falando sobre a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.? Estaria ele falando a respeito do fim do mundo em sua volta escatológica no fim da história? Estaria ele falando a respeito dos dois eventos? Apesar de posições teológicas divergentes, existem as que acreditam que o discurso fala apenas sobre a destruição de Jerusalém e as que acreditam que o discurso fala apenas sobre a segunda vinda.

A posição mais aceita e, certamente, mais coerente de entender as palavras de Jesus afirma que há, no discurso profético, tanto uma aplicação próxima (na destruição de Jerusalém e do templo em 70

d.C.) quanto uma aplicação remota (na segunda vinda de Cristo). Diz-se que Lucas, em seu evangelho, enfatizou o primeiro evento (na destruição de Jerusalém e do templo em 70 d.C.), enquanto Marcos e Mateus foram mais amplos em seu escopo de visão (abordando a segunda vinda de Cristo).

Assim sendo, ao analisar o discurso conforme exposto por Marcos, precisamos antes de tudo destacar que esse evangelista encerrou em seu registro as palavras de Jesus que apontavam para dois eventos distintos e separados por muitos anos. Há na Escritura, em muitos casos, profecias cujos cumprimentos se darão de maneira separada por um intervalo de tempo, mas que são anunciadas em conjunto como se fossem um único evento a ser cumprido.

Temos como exemplo disso algumas profecias messiânicas tais

como o Salmo 22 onde os sofrimentos e a glorificação do Messias são vistos como sendo algo que acontece em um único momento, contudo, esses acontecimentos são separados no seu cumprimento. João Batista (Mateus 3.11,12) ilustra bem essa questão quando fala sobre os papéis de Cristo como Salvador e Juiz de maneira conjunta. É como quando viajamos de carro e ao longe contemplamos uma cadeia de montanhas que parecem estar uma ao lado da outra, contudo, podem estar separadas por uma longa distância.

1. O início das dores (v.1-13)

A primeira parte do discurso de Jesus é o que ele chama de “o princípio das dores” (vs. 8). Essa expressão era usada no judaísmo para se referir ao sofrimento do povo ANTES da libertação operada por Deus em favor do seu povo. Conforme nos diz Anthony Hoeke-
ma: “[...] descreve o período de sofrimento precedente à libertação messiânica, [...] Em outras palavras, quando acontecerem guerras, terremotos e fomes, não devemos supor que a volta de Cristo esteja próxima. Esses sinais ‘apontam o fim e são uma garantia de que ele chegará’”.¹

É possível dividir essa primeira sessão em duas partes menores. Uma que compreende os versículos 1 e 2 e outra que vai do versículo 3 ao 13. Assim, vejamos:

2. O anúncio da destruição do templo (v.1,2).

O templo reconstruído por Herodes, o grande, era magnífico em beleza e esplendor e, para além dos aspectos físicos e estruturais, era o coração da nação judaica. Era em torno do templo que toda a vida de Israel se desenrolava. Contudo, Jesus já havia declarado a absoluta corrupção de todo o sistema religioso ali sediado (Mc 11.17). Então, quando Marcos começa esse capítulo, mencionando a saída de Jesus do templo, isso é muito mais do que uma descrição de um ato físico, mas uma declaração de sentença à semelhança da retirada da presença de Deus do primeiro templo registrada em Ezequiel 10.18-22 e 11.22,23. Essa ação de Jesus em sair do templo é, em verdade, nesse contexto, uma declaração de que a sentença já fora pronunciada tanto para o templo quanto para a nação de Israel. Conforme declara James R. Edwards: “simboliza a ruptura final e definitiva de Jesus com o templo”.

Ao ter a atenção chamada por um dos seus discípulos para a grandeza da construção representada por suas enormes pedras - segundo o historiador Josefo, algumas dessas pedras mediam aproximadamente dezoito metros de comprimento - o Senhor declarou que tudo naquele magnífico edifício seria completamente destruído (vs.2). Assim, o discurso profético

de Jesus começa com a sentença condenatória lançada sobre o templo e a nação judaica, pois o templo era o coração e a vida da nação.

3. Sinais para o tempo que antecede o fim (v.3-13).

Diante do anúncio do juízo sobre o templo e a nação, alguns dos discípulos de Jesus (Pedro, Tiago, João e André) o questionam sobre *“quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se”* (vs.3,4). Precisamos entender que a pergunta dos discípulos inclui muito mais que a preocupação com a destruição do templo e o juízo divino sobre a Israel.

Embora esses eventos estejam em primeiro plano, eles simbolizam o julgamento de Deus sobre o próprio mundo e, é desse modo que Mateus registra a pergunta feita ao Senhor: *“Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século”* (Mt 24.3). Mas, por que Marcos não inclui as palavras finais como Mateus o fez? Uma possibilidade razoável é que para os discípulos esses dois acontecimentos estivessem tão relacionados que registrar apenas um deles já abarcasse o outro, ou seja, a questão levantada sobre o tempo e sinais da destruição do templo já equivalia à pergunta pelo fim do mundo (Almeida Século 21).

Na resposta de Jesus, um im-

portante alerta é frequentemente desconsiderado pelos “caçadores de profecias do fim do mundo”, isto é, aqueles indivíduos que ao menor sinal de uma guerra, uma epidemia ou pandemia, um desastre natural como uma enchente ou terremoto já gritam que o fim está próximo. O Senhor, de modo contrário, nos alerta que esses eventos pertencem ao tempo que antecede o fim, mas que não são anúncios iminentes do fim: *“mas ainda não é o fim”* (vs.7) e *“Estas coisas são o princípio das dores”* (vs.8). Esses eventos servem para indicar que as palavras de Jesus certamente se cumprirão e, que de maneira mais imediata, o templo e a nação judaica serão julgados por Deus, mas de maneira mais remota haverá uma segunda vinda de Cristo no fim da história e um juízo sobre o mundo inteiro.

Nas palavras de Dewey M. Mulholland: “Especialmente em tempos de tumulto e instabilidade, líderes “carismáticos” e charlatães enganam a muitos, reivindicando terem decifrado com sucesso os ‘sinais dos tempos’. Especulação apocalíptica não deveria abalar os seguidores de Jesus, porque eles têm sua palavra de advertência. Esses sinais indicam o avanço do plano de Deus, não sua consumação”.²

Então, sejam desastres naturais, enfermidades, calamidades, perseguição aos crentes, guerras e falsos cristos não são sinais indica-

dores de que o fim está próximo, mas de que ele virá inevitavelmente e, o mais importante, são sinais para que nos mantenhamos em alerta e preparados para não sucumbirmos em nossa fé diante desse tempo mau até a vinda do Senhor em glória: *“Vede que ninguém vos engane”* (vs.5), *“Estai vós de sobreaviso...”* (vs.9) e *“...aquele, porém, que perseverar até o fim será salvo”* (vs.13).

Evidentemente, esses sinais deveriam fazer sentido e ser uma resposta para os discípulos em relação ao que aconteceria no ano 70 d.C. com a destruição do templo e a queda de Jerusalém e do povo judeu e, de fato, foi assim. No entanto, precisamos manter em nossas mentes o fato de que tais coisas foram sinais para a Igreja de Cristo ao longo das eras dando aos crentes a certeza de que o propósito de Deus está sendo cumprido no mundo a despeito de todas as adversidades e, até mesmo, usando todas as adversidades. No desenrolar do seu plano e até a consumação deste na volta de Cristo, Deus está usando todos esses sinais para o avanço do seu Evangelho no mundo e para consolidação do seu testemunho (vs.10,13).

CONCLUSÃO

Podemos concluir, de maneira concisa, essa reflexão sobre Marcos 13, chamando a atenção para alguns pontos essenciais no discurso

de Jesus: 1) Toda a história está sob o controle de Deus que a conduz de acordo com seu propósito e para a sua glória e felicidade eterna dos seus filhos; 2) Os crentes, ao longo da história, podem esperar passar por dificuldade diante da proliferação do mal no mundo; o entanto, podem contar com o cuidado de Deus em todo tempo; 3) A realidade quanto ao juízo de Deus deve nos inspirar um profundo arrependimento por causa do pecado, pois Deus não trata de maneira indiferente o mal que praticamos contra ele; 4) Para os escolhidos de Deus o fim da história é a bem aventurança eterna com o Senhor Jesus Cristo e 5) Nosso Senhor nos chama a uma vida de atenta vigilância na espera pelo seu retorno em sua gloriosa segunda vinda.

1 HOEKEMA, Anthony. A Bíblia e o Futuro: a doutrina bíblica das últimas coisas. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 195.

2 MULHOLLAND, D. M. Marcos: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 196.

EDWARDS, J. R. O comentário de Marcos. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

OSBORNE, G. R. Marcos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

RIDDERBOS, Herman. A vinda do Reino. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.



